

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**RAPHAEL LEITE FERREIRA**

**DEVERÍAMOS SER HERÓIS**

A política estadunidense representada  
nos quadrinhos da Marvel Comics

Porto Alegre  
2019

**RAPHAEL LEITE FERREIRA**

**DEVERÍAMOS SER HERÓIS**

A política estadunidense representada  
nos quadrinhos da Marvel Comics

Trabalho de Conclusão apresentado para a  
obtenção do título de Bacharel em História  
da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientador: Profº. Dr. Arthur Lima de Avila

**Porto Alegre  
2019**

**RAPHAEL LEITE FERREIRA**

**DEVERÍAMOS SER HERÓIS**

A política estadunidense representada  
nos quadrinhos da Marvel Comics

Trabalho de Conclusão apresentado para a  
obtenção do título de Bacharel em História  
da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINDORA:**

Profº. Dr. Arthur Lima de Avila

---

Profº. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

---

Profº. Dr. Luiz Alberto Grijó

---

**Porto Alegre  
2019**

Dedico estas páginas à pessoa que virou minha vida de cabeça pra cima,  
consertando algo que eu nem sabia que estava quebrado.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço – como sempre faço – aos meus pais e avós por terem me ensinado desde cedo a valorizar o conhecimento. E por me mostrarem que a caneta sempre será mais leve que a enxada.

Agradeço aos meus irmãos, de sangue ou não, por não deixarem que minha vida fosse apenas um borrão cinza.

Agradeço aos meus sócios e amigos por terem me ajudado a levar minha vida a um nível de bem estar que não seria possível sem eles.

Agradeço a doutora que me mostrou como sair da caverna onde havia me escondido. Sem sua ajuda, jamais teria retomado essa graduação.

Agradeço a companheira que aceitou dividir sua vida comigo, enchendo de cor, perfume e calor um espaço onde antes não havia nada.

E agradeço ao pirralho que me prometeu jamais se transformar em um adulto chato. Seguimos em frente.

*Aquela pessoa que ajuda os outros simplesmente porque deveria ou precisa ser feito, e porque é a coisa certa a fazer, é sem dúvida, um super-herói de verdade.*

*- Stan Lee*

## RESUMO

O presente estudo busca analisar o conteúdo das histórias em quadrinhos publicadas pela editora Marvel Comics nas duas primeiras décadas do século XXI – com enfoque maior nos períodos de 2006 a 2010 e de 2015 a 2017 – traçando uma relação entre suas narrativas ficcionais e os fatos políticos estadunidenses ao longo dos mandatos dos presidentes George Bush, Barack Obama e Donald Trump. Destaque principal para a minissérie *Guerra Civil*, de 2006, e seus desdobramentos no cenário, indicando como os mesmos refletem elementos da chamada “Guerra contra o Terror”, incluindo a erosão de direitos civis e o fortalecimento de políticas estatais de segurança. Da mesma forma, busca apresentar como temáticas sociais – como racismo, xenofobia, misoginia e diversidade sexual – são abordadas pela editora nesse período. E, por fim, como crescimento da onda conservadora dentro da sociedade estadunidense e seus efeitos na política nacional influenciam nas narrativas da Marvel.

**Palavras-chave:** Histórias em quadrinhos; Guerra ao Terror; Marvel; Super-heróis; Direitos civis; Segurança Nacional.

## ABSTRACT

The present study seeks to analyze the content of comics published by Marvel Comics in the first two decades of the 21st century – with focus on the periods from 2006 to 2010 and from 2015 to 2017 – mapping a relation between their fictional narratives and American political facts throughout the governments of the presidents George Bush, Barack Obama e Donald Trump. Highlight for the miniseries *Civil War*, 2006, and it's unfolding in the scenario, indicating how they reflect elements of the so-called “War on Terror”, include the erosion of civil rights and the strengthening of state security policies. Similarly, seeks to present as social themes – such as racism, xenophobia, misogyny and sexual diversity – are approached by the publisher in this period. Finally, as the growth of the conservative wave within American society and its effects on national politics influence Marvel's narratives.

**Keywords:** Comic books; War on Terror; Marvel Comics; Super-heroes; Civil Rights; Nacional security.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. HISTÓRIA EM QUADRINHOS?</b> .....	14
1.1 Um tabu ainda presente .....	14
1.2 Guerra contra o terror.....	19
<b>2. A GUERRA CIVIL SUPER-HUMANA</b> .....	25
2.1 Tragédia e opinião pública .....	27
2.2 O Ato de Registro .....	29
2.3 O Sentinela da Liberdade.....	33
2.4 Consequências da guerra .....	36
<b>3. A INICIATIVA DOS CINQUENTA ESTADOS</b> .....	39
3.1 Política interna e militarização.....	39
3.2 Mutantes: preconceito e diversidade.....	44
3.3 Política externa e imperialismo.....	49
3.4 O caminho do desastre .....	51
<b>4. NOVOS TEMPOS?</b> .....	57
4.1 Era Heroica: Liberalismo e diversidade.....	57
4.2 Racismo e xenofobia.....	62
4.3 Limites éticos.....	67
4.4 Hail Hydra! O avanço do fascismo .....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83
<b>ANEXO 1</b> .....	90

## INTRODUÇÃO

Histórias em quadrinhos.

Pode parecer uma escolha estranha usar HQ – ou “arte sequencial” como preferem alguns especialistas – como fonte para analisar contextos históricos reais, mas elas vêm sendo utilizadas há décadas como ilustração de determinadas épocas. Muitos autores defendem que os quadrinhos devem ser considerados como um produto do tempo em que são criados, sendo permeados pelos fatos históricos. Desta forma, seria possível utilizá-los como uma referência para esses mesmos eventos. Além disso, é claro, existem as narrativas que procuram intencionalmente representar ou mesmo reproduzir determinados fatos reais.

A presente monografia visa analisar as publicações da editora estadunidense Marvel Comics a partir de 2006, em especial a minissérie *Guerra Civil* e sua repercussão nas demais revistas da empresa, e demonstrar a existência de diversos elementos importantes do contexto social e político vivido pelos Estados Unidos no momento dessas publicações. Os primeiros anos do século XXI foram fortemente influenciados pelo processo que ficou conhecido como “Guerra contra o terror”, no qual o governo estadunidense empreendeu uma série de medidas legislativas que supostamente visariam combater a sensação de insegurança que acometeu o país após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001.

Nas próximas páginas, buscar-se-á demonstrar que a já citada *Guerra Civil* é uma representação alegórica desse momento e também como esse processo se estenderia por todas as publicações da editora ao longo de vários anos. Na sequência, será demonstrado – embora de forma menos detalhada – como o início do mandato de Barack Obama e depois Donald Trump afetam a temática das HQ produzidas pela Marvel.

O presente trabalho foi realizado por meio de pesquisa documental e reflexão teórica, adotando uma metodologia hermenêutica fenomenológica. De forma específica, o que se fará aqui será traçar uma análise comparativa entre o cenário ficcional apresentado pelas HQ e os fatos do mundo histórico conforme os mesmos são apresentados pelos autores analisados e pela mídia especializada.

No primeiro capítulo, “Histórias em quadrinhos?”, procura-se mostrar um breve panorama dessa mídia, incluindo questões históricas e o preconceito que

sofre no mundo acadêmico. Também serão apresentadas as análises de alguns especialistas sobre a importância das HQ como ferramenta de transmissão de conhecimento. Entre os autores abordados, incluem-se Scott McCloud (1995), Vinicius Rodrigues (2013), Túlio Vilela (2004) e Felipe Krüger (2014). Por fim, o capítulo apresentará ainda alguns exemplos de importantes obras da chamada arte sequencial cujo conteúdo se vincula diretamente a determinado contexto histórico, entre as quais estão os textos brasileiros *Chibata!*, de Olinto Gadelha e Hemetério Rufino Cardoso Neto (2008) e *Adeus, Chamigo Brasileiro*, de André Toral (1999). Além deles, as publicações estrangeiras *Maus*, de Art Spiegelman (1987), *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell (lançada como livro em 1945 e adaptada para os quadrinhos em 2018), *Watchmen*, de Alan Moore e Dave Gibbons (1986-87), e também *V de Vingança*, de Alan Moore e David Lloyd (1982-88).

Ainda na mesma etapa, o presente estudo apresenta uma contextualização do período histórico em que estão inseridas as narrativas analisadas nos capítulos posteriores. Aqui são indicados os trabalhos de alguns autores que abordam o tema de forma crítica como Richard Clarke (2004), John Lukacs (2004) e Carlos Dorneles (2002), bem como informações trazidas ao conhecimento público pela atuação da mídia estadunidense e brasileira.

Após essa fase de embasamento teórico, a monografia se debruça sobre a análise propriamente dita das HQ publicadas pela editora Marvel. No segundo capítulo, “A Guerra Civil Super-humana”, o foco estará na minissérie *Guerra Civil* (2006), de Mark Millar e Steve McNiven, que é possivelmente aquela que aborda de forma mais direta as questões políticas do momento em que foi produzida, sendo o ponto inicial de uma sequência de histórias que duraria por cerca de quatro anos.

Também entram no foco aqui as revistas que servem como apoio à série principal, apresentando desdobramentos de sua história. Incluem-se *Guerra Civil: Linha de Frente* (2006-07), de Paul Jenkins, *Guerra Civil: a Confissão* (2007), de Brian Michael Bendis, *Guerra Civil: a Iniciativa* (2007), também de Brian Michael Bendis, e *Guerra Civil: Crimes de Guerra* (2007), de Frank Tieri e Staz Johnson. De forma complementar, serão avaliadas também as diferentes publicações lançadas pela editora no mesmo período, uma vez que todas as séries mensais da Marvel passaram abordar o tema, mostrando como seus respectivos protagonistas lidaram com o conflito. Desnecessário listar todas, mas destaque para *Novos Vingadores*

(edições #21 a #25) de Bendis; Capitão América (volume 5, edições #22 a #25) de Ed Brubaker, Mike Perkins e Steve Epting; *Espetacular Homem-Aranha* (edições #529 a #543) de J. Michael Straczynski e Ron Garney; *Thunderbolts* (edições #103 a #105) de Fabian Nicieza, e Tom Grummett; e *Homem de Ferro* (volume 4, edições #13 a #16) de Daniel Knauf e Charles Knauf.

O terceiro capítulo, “A Iniciativa dos Cinquenta Estados”, abordará as consequências do evento “Guerra Civil” para a sociedade ficcional, em um processo de crescente militarização que remete às políticas de segurança adotadas pela Casa Branca na primeira década dos anos 2000. O foco estará nas publicações lançadas entre 2007 e 2010, compreendendo todo o período da chamada “Iniciativa” até o inevitável desastre causado pela corrupção governamental que culmina no “Reinado Sombrio”. Destacam-se as séries mensais *Novos Vingadores* (edições #27 a #64), de Brian Michael Bendis, Leinil Yu e Billy Tan; *Homem de Ferro: Diretor da S.H.I.E.L.D.* (edições #17 a #32) de Daniel Knauf, Charles Knauf e Stuart Moore; *Poderosos Vingadores* (todas as 36 edições) de Bendis e Dan Slott; *Invincível Homem de Ferro* (volume 2, edições #1 a #19) de Matt Fraction; *Vingadores: a Iniciativa* (todas as 35 edições) de Dan Slott, Stefano Caselli, e Christos N. Gage; *Thunderbolts* (edições #110 a #143) de Warren Ellis e diversos ilustradores; e ainda *Vingadores Sombrios* (todas as 16 edições) de Bendis e Mike Deodato. Além delas, também serão abordadas as minisséries *Invasão Secreta* (2008) de Bendis e Yu; e *Cerco* (2010) de Bendis e Olivier Coipel.

Da mesma forma, esse capítulo também abordará como as questões políticas e sociais que permeiam a “Guerra Civil” afetam os grupos minoritários da sociedade estadunidense. A análise centrar-se-á nas minisséries *Dizimação* (2006) de Chris Claremont, *Guerra Civil: X-Men* (2006) de David Hine e Yanick Paquette, e *Utopia* (2009) de Matt Fraction. Bem como nas séries mensais *Fabulosos X-Men* (edições #466 a #474 e também de #487 a #521) de Fraction e Ed Brubaker, e *Novos X-Men* (volume 2, edições #20 a #46) de Craig Kyle e Chris Yost. Por fim, a forma como os caminhos adotados influenciam na política externa dos Estados Unidos é mostrado nas minisséries *Guerra Secreta* (2004) de Brian Michael Bendis e Gabriele Dell’otto; *Submarino: Revolução* (2006) de Matt Cherniss, Peter Johnson e Phill Briones; *Guerra Silenciosa* (2007) de David Hine e Frazer Irving; *Tropa Ômega*

(2007) de Michael Avon Oeming e Scott Kolins; e também na série mensal *Pantera Negra* (volume 4, edições #18 a #25, de Reginald Hudlin e Manuel Garcia.

Finalmente, o último capítulo, “Novos Tempos?” apresentará o final do período vigência do Ato de Registro – coincidindo com o término do governo de George Bush – e a consequente diminuição das narrativas com conteúdo predominantemente político, além de destacar os tópicos mais relevantes abordados durante a chamada Era Heroica (2011) e anos posteriores. Após isso, o estudo destacará o gradual retorno do foco da editora Marvel às histórias com temas políticos e/ou sociais, que após alguns anos de hiato voltam a crescer em importância em 2015. A análise se baseará principalmente nas séries mensais *Novíssimo Capitão América* (todas as suas seis edições) de Rick Remender e Stuart Immonen; *Capitão América: Sam Wilson* (todas as 25 edições) de Nick Spencer e Daniel Acuña; e *Ms. Marvel* (todas as edições dos volumes 3 e 4) de Gwendolyn Willow Wilson; bem como nas minisséries *Vingadores: o Impasse* (2015) de Nick Spencer, e *Guerra Civil II* (2016) de Brian Michael Bendis, David Marquez e Olivier Coipel. A contextualização histórica desse período escapa ao que foi traçado inicialmente sobre a chamada “Guerra contra o terror”, motivo pelo qual se fará necessário, ao longo deste trecho, acrescentar algumas informações advindas de artigos e periódicos atuais, sempre atentando para aqueles que oferecem maior credibilidade em seu conteúdo.

Encerrando a análise, será apresentada a mais recente narrativa política da Marvel, que retrata o crescimento de ideologias extremistas em seu cenário ficcional, e buscar-se-á traçar um paralelo com a chegada de Donald Trump à Casa Branca. Tal análise será centrada na série mensal *Capitão América: Steve Rogers* (todas as 19 edições) de Nick Spencer e Jesús Saiz, e na minissérie *Império Secreto* (2017) também de Spencer, bem como nas publicações relacionadas de forma direta ao evento.

## 1. HISTÓRIA EM QUADRINHOS?

O teor do presente estudo é fundamentalmente analítico. Não se pretende aqui estabelecer profunda discussão teórica sobre as HQ enquanto formato de mídia ou gênero literário. Entretanto, antes de mergulhar na análise do conteúdo das publicações que serão o verdadeiro foco, faz-se necessário estabelecer algum embasamento mínimo. Este capítulo irá abordar a importância e as potencialidades atribuídas por especialistas às histórias em quadrinhos como ferramenta de transmissão de conhecimento, tanto em sala de aula quanto fora dela. Sobretudo, abordar-se-á a possibilidade de seu uso como alegoria para eventos históricos, o ato de descrevê-los por meio de simbologias, figurações fabulosas ou até mesmo teatralizadas. E alguns exemplos desse uso possível serão apresentados.

Além disso, como os capítulos seguintes descreverão narrativas que se relacionam diretamente com o período histórico em que foram redigidas, será trazida aqui a contextualização necessária. Os primeiros anos do século XXI viram a sociedade estadunidense mergulhar no processo de histeria compreendido como “Guerra contra o Terror”, no qual a paranoia por segurança após o atentado de Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, levou a medidas legais que provocaram a erosão de diversas liberdades civis. As histórias analisadas nos próximos capítulos vinculam-se a esse quadro social.

### 1.1 UM TABU AINDA PRESENTE

O formato moderno das histórias em quadrinhos teria surgido em meados do século XIX, sendo o escritor suíço Rudolf Töpffer amplamente aceito pelos especialistas como seu precursor com a publicação de sua obra *Histoire de M. Jabot* em 1833. Entretanto, alguns autores como o estadunidense Scott McCloud apontam para a existência de uma “pré-história” das HQ, uma origem distante no tempo que remete ao uso de narrativas imagéticas por culturas da antiguidade. Os exemplos incluem as histórias épicas pré-colombianas que apresentam a trajetória de heróis militares astecas, a tapeçaria francesa medieval que narra Conquista da Normandia pelos ingleses do século XI, e também os hieróglifos egípcios que datam de mais de

um milênio antes da Era Cristã.<sup>1</sup> Em todos esses casos, encontram-se elementos característicos das HQ modernas, não apenas pelo uso da imagem para transmitir a informação, mas pela forma como esta se combina com o texto e pela estrutura sequencial em que as figuras são dispostas, construindo uma mensagem maior.

No entanto, apesar da relativa antiguidade desta mídia, cuja forma contemporânea existe há quase 200 anos, persiste ainda uma grande resistência no mundo acadêmico em relação às histórias em quadrinhos – ou arte sequencial, como alguns autores optam por chamar –, onde a sua seriedade é frequentemente colocada em dúvida. O professor Vinicius Rodrigues, cuja temática de pesquisa são os quadrinhos como gênero de literatura, afirma que existe um tabu construído em torno do assunto. Segundo o autor, as HQ consistem em uma ótima ferramenta de ensino, porém o seu uso em sala de aula se vê prejudicado por esse preconceito:

Os quadrinhos abrem caminho para um diálogo que pode ser muito fértil no trabalho com a formação de leitores na escola, se trabalhado com consciência (como tudo aquilo que o professor faz, diga-se de passagem); da mesma forma, trabalhar os aspectos autônomos de sua linguagem também pode vir a ser um exercício muito rico, como veremos. Entretanto, a mera possibilidade tanto de promover tal diálogo quanto de analisar o suporte em si, ainda parecem ser tabus a serem desconstruídos.<sup>2</sup>

Rodrigues argumenta que essa resistência se deve, em certa medida, ao estigma das HQ como mero veículo de entretenimento, uma vez que o público em geral tende a vê-las como uma forma de arte restrita ao cômico. Este entendimento não permite que sejam tratadas com seriedade, pois objetos de estudo seriam frequentemente revestidos com um aspecto de sacralidade ao qual quadrinhos não estariam aptos a cumprir. Portanto, utilizá-los com as mesmas finalidades que se trata a literatura tradicional no mundo acadêmico poderia ser percebida como uma profanação da ordem estabelecida.

Nas primeiras décadas do século XX, quando as histórias em quadrinhos se constituíram e popularizaram em seu formato contemporâneo, esse preconceito já era expresso por políticos, educadores, jornalistas e psicólogos, compartilhando a noção desta mídia como prejudicial para a educação de crianças e adolescentes. O

---

<sup>1</sup> MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Vinicius da Silva. **História em quadrinhos & ensino de literatura: por um projeto de formação de leitores menos “quadrado”**. Porto Alegre: PPG-UFRGS, 2013. Pág. 17

debate que se desenvolveu internacionalmente teve caráter bastante conservador e, além de desqualificar os quadrinhos em seu valor cultural, frequentemente lhe atribuía um suposto incentivo à violência e à imoralidade, sendo caracterizado como prejudicial aos bons costumes e valores familiares.<sup>3</sup> No Brasil, esses conceitos pré-estabelecidos levariam a diversas tentativas de censura a partir dos anos 40.

O debate em torno dos quadrinhos se tornaria mais brando ao longo do século XX. Apesar disso, mesmo que não existam atualmente listas de publicações proibidas ou projeto semelhante, ocasionais ataques ainda são feitos, visando banir determinadas obras classificando-as como inapropriadas para alguns públicos sem que haja muita reflexão sobre o seu conteúdo. Como, por exemplo, o caso de *Um Contrato com Deus e Outras Histórias de Cortiço*, do estadunidense Will Eisner, que foi retirada pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul em 2009, após polêmica em uma escola no município de Alvorada.<sup>4</sup>

Por outro lado, mesmo entre os autores que apoiam o uso das HQ como gênero literário ou ferramenta de ensino, muitos as consideram apenas uma ponte para a literatura tradicional. Desta forma, elas seriam nada mais que uma maneira de iniciar novos leitores, atrair jovens para o hábito da leitura começando por um formato supostamente simples e, mais tarde, evoluindo para um modelo considerado mais sério e complexo. Mais uma vez, Rodrigues contesta essa lógica conservadora e defende que a arte sequencial é por si própria um elemento digno de ser analisado e estudado – ou simplesmente consumido pelo público leigo – sem que precise servir necessariamente como caminho para outros gêneros literários:

Assim, pensar dialogicamente quadrinhos e literatura não se trata apenas de um processo formativo que somente conduz o leitor ao texto literário *strictu sensu*, como constantemente referido em muitas propostas pedagógicas, mas sim de aproveitar os mecanismos e as ferramentas de análise da própria literatura na leitura das HQ, bem como retroalimentar a leitura daquela a partir da compreensão desta; trata-se de exercitar a sensibilidade em torno do texto artístico compreendendo a literatura dentro de um universo bem maior do que ela mesma [...] A grande realidade é que há um constante silêncio sobre as histórias em quadrinhos e as narrativas gráficas em âmbito acadêmico, conseqüentemente, o espaço escolar reproduz esse silenciamento – que provoca, por sua vez, invariavelmente, certo constrangimento quando tal linguagem é colocada em pauta.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Ibid., pág. 51

<sup>4</sup> Ibid., pág. 58

<sup>5</sup> Ibid., pág. 20

O historiador Túlio Vilela defende que os quadrinhos podem ser usados pedagogicamente de três formas: como ilustração dos aspectos da vida social de determinada comunidade ou época; como referência para discussões conceituais da História; ou como um registro do contexto histórico em que foram produzidos.<sup>6</sup> Essa terceira possibilidade é o que se pretende trabalhar na presente monografia.

Em todos os casos, o que os quadrinhos podem oferecer ao leitor é uma construção artística do evento ou época trabalhado. Por vezes, isso se pode fazer por meio de dramatização dos fatos históricos, como em *Chibata! - João Cândido e a revolta que abalou o Brasil*,<sup>7</sup> escrito por Olinto Gadelha e ilustrado por Hemetério Rufino Cardoso Neto, que narra a Revolta da Chibata, ocorrida no Rio de Janeiro, em 1910, quando marinheiros negros realizaram um motim para exigir a abolição dos castigos físicos aos quais eram submetidos pelos oficiais dos navios. O mesmo ocorre em *Adeus, Chamigo Brasileiro - Uma história da Guerra do Paraguai*,<sup>8</sup> do antropólogo André Toral, que mostra o conflito sul-americano pela perspectiva de três personagens vindos de diferentes camadas sociais.

A narrativa frequentemente possui um caráter ainda mais alegórico, como na obra mundialmente famosa do sueco Art Spiegelman, *Maus - a história de um sobrevivente*,<sup>9</sup> que narra de forma semi-biográfica a experiência de vida de seu pai frente o Holocausto na Polônia. O autor se utiliza de artifícios simbólicos como antropomorfismo para descrever o contexto, representando diferentes grupos étnicos como espécies animais – os judeus como ratos, os alemães como gatos, etc.

Embora não seja originalmente publicado como história em quadrinhos, *A Revolução dos Bichos*,<sup>10</sup> do inglês George Orwell, também é um exemplo de evento histórico adaptado de forma alegórica. No livro lançado em 1945, a Revolução Russa é representada como uma fábula, onde os animais de uma fazenda se rebelam contra os humanos. Semelhante ao que ocorre na obra de Spiegelman, aqui cada uma das espécies simboliza um diferente grupo social. Embora escrito por

<sup>6</sup> VILELA, Túlio. *Os quadrinhos na aula de História*. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

<sup>7</sup> GADELHA, Olinto (roteirista); CARDOSO NETO, Hemetério Rufino (ilustrador). **Chibata! - João Cândido e a revolta que abalou o Brasil**. São Paulo: Conrad, 2008.

<sup>8</sup> TORAL, André. **Adeus, Chamigo Brasileiro - Uma história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>9</sup> SPIEGELMAN, Art. **Maus - A História de um Sobrevivente**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>10</sup> ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

um socialista, o texto é uma crítica direta ao regime de Stalin na URSS e já recebeu adaptações para o cinema, em 1999, e para os quadrinhos, em 2018.

Mas, como já foi dito, descrever e/ou dramatizar fatos históricos não é a única forma de uma HQ representar uma realidade. Por vezes, isso se dá por meio da construção de um cenário completamente fictício, porém carregado de elementos simbólicos do contexto em que foi produzido. São os casos de *Watchmen* e *V de Vingança*, ambos produzidos pelo inglês Alan Moore – o segundo em parceria com o também britânico David Lloyd – que retratam de forma distópica a conjuntura política dos anos 80. Em *Watchmen*,<sup>11</sup> o autor apresenta um grupo de super-heróis em meio à Guerra Fria nos Estados Unidos lidando com questões éticas e com a neurose que havia se tornado onipresente na sociedade estadunidense.

Por sua vez, o texto de *V de Vingança*<sup>12</sup> descreve uma Inglaterra pós-guerra nuclear, onde o país é controlado por um regime totalitário de cunho fascista, que suprime os direitos civis, persegue minorias, impõe forte censura e repressão policial. A obra é considerada por diversos especialistas uma crítica ao crescente autoritarismo do governo conservador da Primeira Ministra Margareth Thatcher. O historiador Felipe Krüger analisa detalhadamente o conteúdo desta obra de Moore, sendo o foco principal de sua pesquisa. Neste estudo, ele evidencia diversos temas presentes na narrativa, tais como controle estatal, nacionalismo, anarquia, religião atrelada ao Estado, repressão e nazismo, enfatizando a vinculação desses tópicos com o contexto em que a narrativa foi escrita.<sup>13</sup> O autor destaca o potencial dos quadrinhos para levar os leitores à compreensão facilitada de assuntos complexos como esses devido a sua linguagem facilmente captada. No entanto, Krüger afirma que essa capacidade de simplificação não pode ser confundida com superficialidade por parte dessa mídia:

As HQ podem, muitas vezes, ser apresentadas a partir de elementos atrativos, porém não são necessariamente simples e de fácil entendimento. Nesse sentido, acreditamos que, embora as imagens propiciem uma aceitação mais rápida do público leitor, devido a sua forma, sua análise é permeada também por complexidades, que vão

<sup>11</sup> MOORE, Alan (roteirista); GIBBONS, Dave (ilustrador). **Watchmen**. Nova Iorque: DC Comics, Setembro, 1986 – Outubro, 1987.

<sup>12</sup> MOORE, Alan (roteirista); LLOYD, David (ilustrador). **V de Vingança**. Nova Iorque: DC Comics, Março, 1982 – Maio, 1988.

<sup>13</sup> KRÜGER, Felipe Radünz. **A construção histórica na graphic novel V for Vendetta: aspectos políticos, sociais e culturais na Inglaterra (1982-1988)**. Pelotas: UFPEL, 2014.

desde a compreensão do sentido da imagem até a sua relação com o mudo que a cerca.<sup>14</sup>

O formato da análise realizado por Krüger é muito semelhante ao que se pretende aplicar no presente estudo. Assim como o autor relaciona os elementos simbólicos contidos em *V de Vingança* ao contexto social e político em que a obra foi produzida, nos capítulos seguintes serão examinadas as influências absorvidas por diversas publicações da editora Marvel ao longo das duas primeiras décadas do século XXI e a forma como tais fatores foram representados em suas narrativas.

O primeiro, e possivelmente mais importante, elemento conjuntural do período em questão é o sentimento de insegurança e medo que se espalhou por grande parte da sociedade estadunidense após os atentados terroristas de 2001. Ocorridos com curto espaço de tempo entre si, os ataques atingiram as cidades de Nova Iorque, Washington e Shanksville, causando a morte de quase 3 mil pessoas.

## 1.2 GUERRA CONTRA O TERROR

O ataque teve duro impacto nos cidadãos estadunidenses, pois além do grande número de vidas perdidas e dos danos patrimoniais, representou também um abalo psicológico. De um dia para outro, o país não parecia mais seguro, um inimigo oculto poderia estar em qualquer lugar, poderia ser seu vizinho, seu colega. Se nem mesmo o governo federal, com todo o serviço de inteligência ao seu dispor, não foi capaz de localizar os infiltrados, como o cidadão comum poderia? O pânico e a desconfiança não demoraram a se alastrar.

Esse sentimento foi bastante incentivado pela postura adotada pelo então presidente George Bush, que rapidamente identificou a comunidade islâmica como o inimigo que pretendia destruir os Estados Unidos. O discurso público do governante buscou construir um cenário de “guerra de civilizações”, onde o Islã estaria atacando a Cristandade, forçando a necessidade de um contra ataque. A campanha militar iniciada pela Casa Branca em suposta retaliação ficou mundialmente conhecida como “Guerra ao Terror” ou ainda “Guerra contra o Terror”. Com claríssimo apelo conservador e maniqueísta, aproveitando-se da comoção em torno da tragédia, a

---

<sup>14</sup> Ibid., pág. 21.

iniciativa conseguiu convencer boa parte da sociedade a lhe dar apoio incondicional, permitindo ações de caráter eticamente duvidoso como a invasão de nações estrangeiras ou espionagem de civis, tudo sob o pretexto de um “esforço de guerra”.

Para muitos especialistas, a postura beligerante do Governo Bush foi a pior possível, uma vez que apenas reforçou os argumentos de grupos terroristas como a Al-Qaeda, que descrevem os EUA como inimigo do Islã, aumentando assim o apoio recebido por esses grupos. De acordo com Richard Clarke, o Coordenador Nacional de Segurança e Antiterrorismo do país na época, o correto seria buscar uma aproximação com os muçulmanos, visando enfraquecer os radicais violentos. As invasões do Afeganistão em 2001 e especialmente do Iraque em 2003 foram um desserviço:

Poder-se-ia pensar que era igualmente obvio, depois de 11 de setembro, que no alto da lista de prioridades deveria estar a melhoria das relações dos Estados Unidos com o mundo islâmico, a fim de enxugar o apoio à variante do Islã que é al Qaeda. Afinal de contas a al Qaeda, o inimigo que nos atacou, estava envolvido na sua própria bem-sucedida campanha de propaganda para influenciar milhões de muçulmanos para agirem contra a América, um primeiro passo numa campanha para substituição dos governos existentes em todo mundo por regimes do tipo Talebã. Para derrotar aquele inimigo e impedi-lo de atingir seus objetivos, nós precisávamos fazer mais do que apenas prender e matar pessoas. [...] Em vez de buscar o apelo popular do inimigo que nos atacara, Bush deu àquele inimigo exatamente o que ele queria e precisava: a prova de que a América estava em guerra contra o Islã, que nós éramos os novos Cruzados vindos para ocupar a Terra Muçulmana. Nada que a América tivesse feito teria fornecido à al Qaeda e a sua nova geração de grupos clonados um melhor artifício de recrutamento do que nossa invasão não-provocada de uma terra árabe rica em petróleo.<sup>15</sup>

O antagonismo entre Casa Branca e os grupos radicais islâmicos talvez fosse muito mais antigo que a opinião pública imagina. Com suas três décadas de experiência no serviço de inteligência estadunidense, Clarke considera que a origem está ainda na Guerra Fria, quando o presidente Ronald Reagan passou a intervir no Oriente Médio visando utilizar os conflitos locais para desestabilizar a URSS. O crescimento e fortalecimento dos grupos radicais seguiriam fermentando pelos anos 80 e 90, e ao fim do regime socialista, com a fragmentação da antiga potência, os

---

<sup>15</sup> CLARKE, Richard. **Contra todos os inimigos: por dentro da guerra dos EUA contra o terror**. São Paulo: Francis, 2004. Pág. 275.

Estados Unidos passariam a ser vistos como o último grande inimigo estrangeiro a ser derrotado.

Quando a Guerra Fria terminou, os Estados Unidos puderam se dirigir maciçamente para o Golfo Pérsico durante uma crise naquela região, tensões éticas e religiosas podiam eclodir nos Balcãs e na Ásia Central, e o fervor religioso não podia mais ser dirigido contra os comunistas. Aqueles que se sentiam em desvantagem no sistema global e desejavam por a culpa pelo seu destino em forças estrangeiras, tinham apenas uma nação mundialmente dominante a qual culpar por seus problemas, um alvo principal para motivar seus seguidores: a América.<sup>16</sup>

Segundo historiador John Lukacs, o presidente estadunidense desde o início demonstrou um desejo pelo conflito, em especial na questão do Iraque. Ao atacar a nação de Saddam Hussein – que embora predominantemente muçulmana, jamais poderia ser classificada com um país fundamentalista ou sequer teocrático – com a justificativa nunca confirmada e quase obviamente falsa de que o mesmo possuía armas de destruição em massa, mesmo contrariando as decisões da ONU, Bush colocou seus próprios objetivos, ou os objetivos de seu partido, a frente dos interesses dos Estados Unidos. Apesar disso, sua retórica de guerra parece ter contaminado grande parcela da população, que ainda motivada pelo fator emocional resultante de tantas mortes nos atentados de 11 de setembro seguiu apoiando seu líder por algum tempo.<sup>17</sup>

Nessa mesma linha de pensamento, Clarke acrescenta ainda que a Casa Branca nunca tratou a ameaça com a seriedade necessária até que fosse tarde demais. Talvez por incompetência, talvez por interesse, chegando a considerar que questões eleitorais e também econômicas possivelmente tenham pautado as ações governamentais.

Eu acreditei nos últimos cinco anos que a al Qaeda estava aqui. Não tive muita sorte em convencer o FBI a ficar de orelhas em pé. Oficialmente, o FBI afirmou que tinha apenas alguns simpatizantes sob vigilância. Não havia células em atividade, nenhuma ameaça concreta. [...] A Divisão de Segurança Nacional, que controlava o grupo antiterrorismo, tinha como focos principais a espionagem na Rússia e na China, o caso do americano Robert Hansen, que era

---

<sup>16</sup> Ibid., pág. 92.

<sup>17</sup> LUKACS, John. **Uma Nova República - Histórias dos Estados Unidos no Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. Pág. 399-400.

espião dos russos e o caso de We Ho Lee e a possível espionagem nos nossos laboratórios nucleares. Nos 56 escritórios regionais (exceto o de NY) a ênfase era no combate ao tráfico de drogas, crime organizado e outras questões que geravam prisões e processos judiciais.<sup>18</sup>

A imprensa foi parte fundamental da campanha de guerra. De acordo com o jornalista brasileiro Carlos Dorneles, a mídia abandonou qualquer neutralidade ou imparcialidade desde o primeiro momento, pois muito antes de receber qualquer sinalização do governo federal, grande parte dos veículos jornalísticos do país instigam a população para a necessidade de bombardear o Oriente Médio, inclusive considerando aceitável a perda de vidas inocentes no processo. “Mesmo que o governo dos Estados Unidos estivesse sendo comandado por um homem que iria à guerra de qualquer maneira, a imprensa americana tomou a frente desde o início, assumindo uma posição belicista e criticando a ‘lentidão’ da resposta”.<sup>19</sup>

Nos meses seguintes, todas as falas do presidente e de seus assessores foram imediatamente aceitas como inquestionáveis, reverberadas e aplaudidas. Não apenas pela mídia estadunidense, o mesmo ocorreu por quase todo o Ocidente, incluindo o Brasil. Além disso, passaria boa parte de seu tempo idolatrando o grande poderio militar dos Estados Unidos e sua superioridade em relação aos inimigos, sem dar qualquer destaque para as inúmeras mortes de civis durante os bombardeios.<sup>20</sup> Da mesma forma, a figura do presidente seria logo transformada em um líder idealizado, apto a conduzir sua nação no momento de conflito.

Ao longo de toda a “Guerra contra o Terror”, pipocaram denúncias de violações contra os direitos humanos dos supostos terroristas detidos – onde teoricamente seriam tratados como prisioneiros de guerra, mesmo que em alguns casos sequer houvesse indícios de envolvimento real do indivíduo com qualquer organização radical. Cabe aqui um destaque especial para a prisão da Baía de Guantánamo, localizada em Cuba, portanto fora da jurisdição das leis vigentes no território dos Estados Unidos. Devido a esse vácuo jurídico, a instalação se tornaria palco de todos os tipos de tortura e abuso cometido contra os cativos, muitos dos quais jamais receberam acusações formais e/ou julgamentos em qualquer instância. Mesmo as leis internacionais sobre tratamento de prisioneiros de guerra foram

---

<sup>18</sup> CLARKE, Richard. Op. cit., pág. 244.

<sup>19</sup> DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2002. Pág. 27.

<sup>20</sup> Ibid., pág. 30.

ignoradas no local. A imprensa, por sua vez, deu pouco destaque ao fato, em geral priorizando a versão governamental que negava qualquer violação, apesar dos protestos de órgãos humanitários como a Anistia Internacional:

A Anistia Internacional considerou que os Estados Unidos colocaram os prisioneiros numa situação de indefinição jurídica, classificou as celas de jaulas, e o tratamento degradante, uma violação das leis internacionais. Mas o porta-voz da Casa Branca, Ari Fleischer, disse que o presidente Bush estava muito satisfeito com o tratamento dispensado aos detidos: “É humano e respeitoso. Trata-se de gente muito perigosa”.<sup>21</sup>

Além disso, a própria sociedade estadunidense viu suas liberdades civis serem gradualmente suprimidas, especialmente no caso de indivíduos considerados suspeitos – ou seja, qualquer um com sangue árabe ou praticante da religião islâmica. Com o suposto objetivo de proteger o país contra as ameaças estrangeiras, diversas medidas de segurança foram criadas, com destaque para o chamado “Ato Patriota”, aprovado ainda em 2001. Entre suas provisões, a lei possibilitava que agências de inteligência espionassem ligações telefônicas e correspondências virtuais sem necessidade de autorização judicial, na prática, permitia que o Estado violasse a privacidade da população livremente. Outra medida especialmente polêmica seria a criação de um programa de denúncias:

O Governo Bush também queria um país em permanente estado de guerra. O Departamento de Justiça planejava recrutar cidadãos para tarefas de espionagem. O programa chamava-se Sistema de Informação e Prevenção de Terrorismo e previa o envolvimento de milhões de trabalhadores americanos que, em seu trabalho diário, “estão em posição única para flagrar atividades potencialmente suspeitas”. A oficialização e a massificação do “dedo-duro” foi chamada pomposamente pelo governo de Bush de “cultura de cidadania participativa na defesa da nação”. Um mínimo de 4% da população do país seria utilizado nas atividades de vigilância e levantamento de pistas, recrutando carteiros, funcionários de serviços de utilidade pública e todos cujo trabalho dê acesso a residências, segundo denunciou a União Americana de Liberdades Civis. O governo recuou dizendo que residências não estão incluídas, somente locais públicos. Ninguém acreditou que um movimento de delação de tamanhas proporções pudesse ter limites.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Ibid., pág. 79-80.

<sup>22</sup> Ibid., pág. 99.

Após duras críticas do Legislativo, essa medida específica acabou engavetada, mas a semente estava plantada. Com a sociedade mantida em um constante estado de guerra, temendo por novos ataques a qualquer momento, o militarismo e o conservadorismo nacionalista se espalharam de forma muito rápida. Medidas de vigilância passariam a ser vistas como necessárias para a sobrevivência do país e a privacidade como um luxo. Até mesmo a tortura foi considerada um método de interrogatório válido por alguns setores.<sup>23</sup> Somado a isso os enormes acréscimos nos orçamentos do Pentágono e das Forças Armadas e os Estados Unidos pareciam colocar a guerra como centro gravitacional de sua sociedade.

Liberdades civis reduzindo ao mesmo tempo em que cresce a presença do Estado, se tornando mais ostensiva. A prisão de indivíduos sem qualquer indício de ligação com terrorismo – baseada apenas na sua ascendência árabe – passou a ser algo corriqueiro. Por vezes, resultando em longos meses de cárcere, sem qualquer alarde por parte da mídia ou da sociedade. Em muitos aspectos, parecia iniciar a lenta caminhada rumo a um Estado totalitário.

Neste contexto histórico foram escritas e publicadas as HQ que serão analisadas nos próximos capítulos. A atmosfera de medo e a ânsia por segurança, mesmo ao custo de liberdades, foram ilustradas em grande parte das séries mensais e minisséries especiais da Marvel na primeira década do milênio. Evidente que tudo é apresentado de forma figurativa e/ou alegórica. Não uma reprodução dos fatos correntes, mas um produto da sociedade de seu tempo. As cores e a leveza das narrativas de super-heróis se tornam menos brilhantes, adaptando-se à realidade que cerca os leitores, enquanto os personagens passam a sofrer com as mesmas angustias e paranoias. E tudo começa com um ataque e muitos civis mortos.

---

<sup>23</sup> Ibid., pág. 140.

## 2. A GUERRA CIVIL SUPER-HUMANA

A minissérie *Guerra Civil* – roteirizada por Mark Millar e ilustrada por Steve McNiven – certamente não foi a primeira, nem a última vez que as histórias em quadrinhos abordaram temas políticos e/ou sociais presentes do contexto histórico em que foram escritas. No entanto, ela descreve um processo de extrema importância para a construção do cenário geopolítico dos primeiros anos do século XXI, cujos impactos ainda estão amplamente presentes nas relações internacionais por todo o globo nos dias de hoje.

Publicada pela editora Marvel nos Estados Unidos em 2006, o texto retrata de forma alegórica os reflexos da chamada “Guerra contra o Terror” na sociedade estadunidense e do conseqüente efeito erosivo que essa política teria tido nas liberdades civis do país. A série em questão apresenta os clássicos super-heróis do Universo Marvel – Vingadores, Homem-Aranha, X-Men, etc. – frente à votação pelo Congresso do projeto de lei conhecido como “Ato de Registro de Super-humanos”, que proíbe o uso de identidades secretas e obriga todos os heróis a se tornarem agentes de segurança pública regulamentados. A presente monografia defende a teoria de que existe aqui uma referência direta ao “Ato Patriótico” promulgado pelo governo do então presidente George W. Bush pouco tempo depois dos atentados contra Nova Iorque, Washington e Shanksville ocorridos de forma quase simultânea em 11 de setembro de 2001.

Evidentemente, o presente capítulo focará sua análise na já referida minissérie *Guerra Civil*. No entanto, a narrativa não se restringe às suas sete edições, uma vez que, ao longo do seu período de publicação, quase todas as séries mensais da editora Marvel passaram gravitar em torno do evento. Revistas como *Capitão América*, *Espetacular Homem-Aranha*, *Novos Vingadores* e várias outras passaram a mostrar a forma como seus respectivos protagonistas lidavam com os fatos narrados em *Guerra Civil*. Por isso, não há como ignorar a importância dessas outras publicações para a compreensão da história, sendo necessário incluir aqui a análise das mesmas.

Antes de avaliar de forma mais detalhada os diferentes elementos simbólicos presentes no texto, é necessário um breve resumo da história narrada ao longo dessa minissérie. A narrativa se inicia apresentando um grupo de

adolescentes com habilidades super-humanas que viaja pelo país localizando e enfrentando criminosos procurados, tentando com isso se afirmar como legítimos heróis. Toda a jornada é filmada e transmitida por um canal de televisão, na forma de episódios de um *reality show*. Durante uma das gravações, o grupo tenta capturar alguns super-vilões que estão escondidos em um distrito residencial da cidade de Stamford, mas, em meio ao confronto, a detonação dos poderes de um dos criminosos causa uma enorme explosão que destrói grande parte do bairro, resultando na morte de mais de 600 civis, incluindo dezenas de crianças de uma escola vizinha.<sup>24</sup>

O desastre provoca enorme comoção popular, formando uma atmosfera de insegurança, com diversos setores da sociedade expressando seu temor quanto aos danos colaterais dos confrontos super-humanos: ninguém quer ser morto, mutilado ou ter sua casa destruída enquanto mascarados disparam raios uns contra os outros. Desta forma, grande parte da opinião pública exige a proibição de todas as atividades super-humanas no país, enquanto outros argumentam que tal lei seria impraticável devido à existência de diversos criminosos dotados de habilidades sobre-humanas. Diante desse impasse, surge uma proposta de lei no Congresso visando regulamentar o trabalho de super-herói como uma profissão. Tal regulamentação, o chamado “Ato de Registro de Super-humanos”, exigiria o cadastramento de todos os super-humanos – proibindo a prática das identidades secretas –, seu treinamento e capacitação junto a entidades governamentais e sua obediência à autoridade das mesmas, constituindo algo semelhante a uma organização militar.

O projeto divide a opinião da população civil e provoca uma profunda cisão na chamada “comunidade heroica” entre os que apoiam a nova legislação e os que a rejeitam. Liderados pelo personagem Homem de Ferro, que possui forte presença na política nacional, muitos consideram como uma evolução natural a conversão dos “super-heróis” em um grupo de “super-policiais”. Por outro lado, diversos personagens se opõem à ideia e, quando esta se transforma em lei, recusam a se submeter, passando a agir na clandestinidade, sob a tutela do Capitão América. Sendo, a partir deste momento, perseguidos como criminosos por seus

---

<sup>24</sup> MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, julho, 2006.

antigos companheiros. Um evento que logo passaria a ser chamado de “Guerra Civil Super-heroica”.

## 2.1 TRAGÉDIA E OPINIÃO PÚBLICA

Tudo começa com uma catástrofe, uma tragédia, uma quantidade assustadora de vidas inocentes perdidas. Nada é mais eficiente na mobilização da opinião pública que um desastre. Essa mesma verdade vale para o mundo histórico e para o mundo ficcional. Certamente muitos personagens do chamado “Universo Marvel” sempre tiveram sérias desconfianças em relação à atuação de super-heróis. Mas essa posição nunca fora majoritária, ou sequer popular, até o confronto que resultou na morte de 600 pessoas. Após esse evento, a opinião pública rapidamente se move para fazer eco às vozes que sempre contestaram os heróis.

Parece coerente afirmar que esta movimentação da sociedade ficcional fez referência direta à onda de histeria que tomou conta dos Estados Unidos logo após os atentados que destruíram as chamadas “Torres Gêmeas” de Nova Iorque e atingiram a sede do Departamento de Defesa federal, o Pentágono. A morte de incontáveis civis causada por uma ameaça externa fez com que grande parcela dos cidadãos abraçasse o discurso de ódio e a paranoia, apoiando de forma quase cega uma série de medidas que, na prática, desmantelavam parte dos seus direitos civis – em especial a privacidade – em troca de trazer de volta alguma sensação de segurança. A tragédia moveu rapidamente a opinião pública.

Imagine viver em um mundo onde a pessoa ao seu lado – seu vizinho, seu colega de trabalho, o taxista, o atendente – pode secretamente lançar raios pelas mãos ou explodir a si mesmo, matando de forma instantânea dezenas de pessoas. Imagine viver em um mundo onde a pessoa ao seu lado – seu vizinho, seu colega de trabalho, o taxista, o atendente – pode secretamente ser um terrorista armado ou um homem-bomba pronto para explodir a si mesmo, matando de forma instantânea dezenas de pessoas. Essa é a visão paranoica de boa parte da sociedade estadunidense no início dos anos 2000, tanto em sua versão real, quanto na sua versão ficcional.

A mídia possui um papel central nessa guinada, evidentemente. Nos quadrinhos, ela é retratada realizando coberturas jornalísticas que beiram o sensacionalismo, nas quais se instiga o temor na sociedade por meio de exaustivas repetições dos vídeos do chamado “desastre de Stamford” e inúmeras entrevistas com especialistas – e também muitos pseudo-especialistas – falando sobre a necessidade de leis mais rigorosas para coibir as atividades super-humanas. Pouca imparcialidade é demonstrada pela versão ficcional da imprensa estadunidense.

Em uma minissérie chamada *Guerra Civil: Linha de Frente*, publicada simultaneamente à série principal, a narrativa se foca em dois jornalistas que cobrem o desastre e seus desdobramentos na sociedade. Um dos protagonistas dessa HQ, a personagem Sally Floyd, uma repórter que trabalha em um jornal pequeno e menos conservador, aponta seus colegas de imprensa como responsáveis por acelerar o que ela chama de “a erosão das liberdades civis na América”.<sup>25</sup> Ela é um dos poucos personagens que se refere diretamente ao atentado contra o World Trade Center e o aponta como sendo o marco inicial dessa movimentação da mídia e conseqüentemente da opinião pública:

Isso foi colocado em movimento no dia em que alguns extremistas furiosos decidiram jogar alguns aviões em edifícios altos em Manhattan. Nós passamos para modo de batalha, então, e estávamos prontos para fazer isso de novo, agora. De repente, o jornalismo ia retroceder para nacionalismo exacerbado, e a luta pelo sentimento de uma nação começaria. Isso era liberdade civil contra conforto; grampos contra terrorismo; Fox contra CNN.<sup>26</sup>

Como já foi dito no capítulo anterior, a imprensa estadunidense optou por abandonar qualquer imparcialidade na cobertura atentados de 2001.<sup>27</sup> Os discursos carregados de patriotismo, exigindo que a Casa Branca retaliasse seus agressores imediatamente foram a tônica e isso se refletiu de forma clara no mundo Marvel. Em ambos os casos, a opinião pública foi bombardeada por meses com material de cunho ideológico que defendia abertamente determinada postura do Estado levando grande parcela da sociedade a acreditar que aquela seria a única linha de ações aceitável naquele momento.

<sup>25</sup> JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, agosto, 2006. Pág. 7.

<sup>26</sup> Ibid. Pág. 8.

<sup>27</sup> DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2002. Pág. 19.

## 2.2 O ATO DE REGISTRO

A consequência imediata é uma onda de protestos, que rapidamente se espalha pelos Estados Unidos pedindo a proibição das atividades de super-humanos ou, ao menos, a criação de leis mais rígidas que facilitem sua responsabilização em situações como o “Desastre de Stamford”. Em alguns casos, a situação evolui para a violência aberta, com populares perseguindo e espancando indivíduos que possuem poderes – especialmente os mutantes, que sempre foram alvo de ódio, mas também heróis conhecidos e estabelecidos, como o personagem Tocha Humana, membro do tradicional Quarteto Fantástico. Em resposta às manifestações, surge a proposta de lei batizada de “Ato de Registro de Super-Humanos”, que rapidamente é aprovada pelo Congresso.

A personagem heroica Mulher-Hulk – que mantém uma identidade civil não-secreta como advogada – é mostrada em uma entrevista para um programa de televisão defendendo a nova lei:

Uma proibição dos super-heróis? Bom, em um mundo com centenas de super-vilões isso é obviamente impossível, Larry. Mas treiná-los e fazê-los carregarem insígnias? Sim, eu diria que isso soa como uma reação cabível.<sup>28</sup>

O primeiro e mais polemico ponto da nova lei é a proibição da prática das identidades secretas. Ao longo dos anos, a grande maioria dos heróis sempre agiu no anonimato, utilizando codinomes espalhafatosos e máscaras coloridas para ocultar seus rostos e suas vidas particulares. O argumento sempre foi preservar sua segurança e de seus familiares contra as possíveis vinganças dos criminosos combatidos por eles. Mas os críticos da atividade heroica apontam essa prática como o principal entrave para a responsabilização dos super-humanos pelos eventuais danos causados, uma vez que impede a identificação dos envolvidos.

O Ato de Registro passou a exigir o cadastramento de todo e qualquer cidadão que possua algum tipo de poder e/ou deseje atuar como vigilante. Esse

---

<sup>28</sup> MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, julho, 2006, pág 13.

cadastro seria considerado extremamente sigiloso, de modo que as identidades dos heróis não precisariam se tornar públicas, seriam conhecidas apenas por alguns poucos agentes de alto-escalão do governo. Desnecessário dizer que muitos dos mascarados ficam bastante contrariados com a ideia de entregar seus segredos para o Estado. A personagem Flama, cuja identidade secreta é uma estudante universitária, aponta:

Essa coisa com o Ato de Registro de Super-Humanos: agora eles querem nos dizer se podemos manter segredos ou não. Eles querem que coloquemos nossas famílias em perigo e então ditar quando podemos ou não proteger a nós mesmos.<sup>29</sup>

Os mesmos argumentos são defendidos pelo clássico personagem Homem-Aranha:

Eu perdi pessoas, também... Diretamente como resultado do que eu faço. Pessoas com quem eu me importava. Eu ainda tenho pessoas. E agora o governo quer que eu registre minha identidade ou vá para a cadeia. Não ocorreu a ninguém o que isso faria com a minha família? [...] Nós somos maridos e esposas... Pais, mães, filhos e filhas. Nós já sacrificamos o suficiente. Que tipo de sacrifício as pessoas querem? Se eu mostrar meu rosto para o mundo, todas as pessoas que me odeiam irão atrás daquilo que mais prezo.<sup>30</sup>

Aqui fica claro que o direito a privacidade é algo no caminho da extinção nos Estados Unidos do século XXI, sendo a primeira das liberdades civis a desaparecer. Os primeiros a sentirem essa erosão são os grupos marcados como “suspeitos” ou mesmo “perigosos”. No caso da narrativa, este direito seria negado a um determinado grupo da sociedade em troca de medidas que prometem maior segurança e conforto para o restante da população.

A institucionalização da atividade heroica é o outro ponto extremamente polêmico do Ato de Registro. Após terem suas identidades registradas, os heróis são automaticamente inseridos em um cadastro de vigilantes oficiais a serviço do poder público, recebendo carteirinhas semelhantes a distintivos e podendo ser convocados a qualquer momento para auxiliar órgãos de segurança, como departamento de polícia, corpo de bombeiros ou forças armadas. Na prática, deixando sua condição

<sup>29</sup> JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, agosto, 2006. Pág. 7.

<sup>30</sup> Id. **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, agosto, 2006. Pág. 14-15.

de agentes independentes para se tornarem servidores públicos. Como se pode imaginar, os heróis registrados não possuem a opção de recusar essas convocações, estando sujeitos a sofrer processos administrativos ou até mesmo na esfera criminal. Uma passagem exemplifica perfeitamente essa questão, quando o herói registrado Magnum, tradicional integrante dos Vingadores, é coagido por agentes do governo a perseguir um suposto terrorista infiltrado:

Agente: É chamado “cooperação”. Não fizemos o Ato. Apenas trabalhamos conforme as regras.

Magnum: Não banque a espertinha comigo. Você sabe muito bem que eu não assinei para uma convocação...

Agente: Leia as letras miúdas, senhor. Foi exatamente isso que o senhor assinou.<sup>31</sup>

Da mesma forma, a atuação de vigilantes não-registrados passa a ser considerada crime. Aqueles que forem surpreendidos agindo ilegalmente são perseguidos pelas autoridades policiais – com o suporte de um ou mais heróis registrados – e precisam escolher entre registrar-se ou ser mandados para a cadeia. Desnecessário dizer que um grande número de heróis tradicionais, como Demolidor, acaba detido desta forma. Essa medida gera enorme polêmica na comunidade heroica, pois muitos dos registrados expressam contrariedade em combater seus antigos companheiros e tratá-los como criminosos.

Um personagem bastante secundário chamado Battlestar (referido como “Estrela Negra”, em algumas traduções), que já foi ajudante do Capitão América, é um dos muitos atingidos pela nova lei. Ele questiona o Ato de Registro e a postura dos ex-colegas momentos antes de ser detido pela polícia:

Eu quero saber de uma coisa: eu quero saber quando eles tomaram a decisão deles de caçar o próprio povo deles feito animais, apenas porque nós escolhemos defender nosso direito a privacidade... Porque alguns idiotas em Stamford fizeram algo estúpido, e eles estão procurando alguém que pague... As pessoas no comando esqueceram quem os bandidos realmente são?<sup>32</sup>

O personagem Homem de Ferro é aquele que, sendo um rico empresário industrial, possui as melhores relações no campo político, além de ser muito

<sup>31</sup> Id. **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 5, outubro, 2006. Pág. 27.

<sup>32</sup> Id. **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, setembro, 2006. Pág. 6.

respeitado entre os heróis por ser um membro fundador dos Vingadores. Devido a esses fatores, ele se torna o principal interlocutor entre o Estado e os super-humanos. Em decorrência desse papel, passa a ser o líder das forças “pró-registro” e o principal arquiteto das medidas que seriam adotadas na aplicação do Ato de Registro. Segundo o próprio personagem, era preciso que algum super-humano fizesse esse papel ou todos acabariam sujeitos aos rumos da política nacional:

Eu sabia que nossos esforços seriam inúteis, o Ato seria aprovado e lados seriam escolhidos. Um de nós iria dar a eles uma desculpa para esse ato ser aprovado e seria isso. [...] Tínhamos que trabalhar dentro do sistema. Tínhamos que trabalhar com os líderes que as pessoas nesse país votaram para representá-las. Não devíamos ter essa arrogância... Arrogância criminosa. [...] Mas eu sabia que acabaria tendo que me encarregar desse tipo de coisa. Pois se não fosse eu, quem seria? Quem mais estava lá? Ninguém. Então eu fui em frente. [...] Eu me comprometi. Pois se isso não fosse tratado com total comprometimento, milhares de pessoas iriam morrer. Pessoas inocentes. Eu sabia o que tinha que fazer.<sup>33</sup>

Entre os projetos formulados sob o comando do Homem de Ferro está a construção de uma penitenciária de segurança máxima exclusiva para deter os super-humanos não registrados. Esse local, chamado de “Prisão 42”, difere das demais unidades do sistema prisional por um motivo bastante peculiar: localiza-se fora da Terra. Estando em um espaço fora de qualquer território nacional, encontra-se também alheia a qualquer jurisdição legal ou acordo internacional. Os prisioneiros não possuem qualquer benefício padrão do sistema carcerário, como visitas ou horas de sol, nem qualquer prerrogativa legal como julgamento e direito de defesa. Além disso, por não haver processo convencional, também não há prazo pré-estabelecido para a reclusão, os detentos permanecem ali por tempo indeterminado. Em resumo, uma versão fictícia e espacial da prisão militar de Guantánamo – localizada fora do território dos EUA, portanto à margem do sistema judiciário –, cuja existência já era bastante criticada por setores da sociedade estadunidense em 2006, ano de publicação da minissérie.<sup>34</sup>

A regulamentação da atividade heroica também inclui o desenvolvimento de programas de treinamento e realização de testes probatórios. Para os heróis já

<sup>33</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); MALEEV, Alex. (ilustrador). **Guerra Civil: a Confissão**. Nova Iorque: Marvel, maio, 2007. Pág. 11.

<sup>34</sup> STRACZYNSKI, J. Michael (roteirista); GARNEY, Ron (ilustrador). **Espetacular Homem-Aranha**. Nova Iorque: Marvel, nº 535, novembro, 2006.

estabelecidos e conceituados, bastaria o registro junto às autoridades para obter suas credenciais. No entanto, os mais jovens e/ou inexperientes – assim como todos os futuros candidatos a vigilantes mascarados – precisariam se submeter a meses de preparação em academias militares criadas especificamente para esse fim. E, ao concluir esse processo, precisariam se submeter a uma bateria de exames e provas, tanto físicos quanto psicológicos, para somente então receberem suas autorizações de heróis.

Novamente, é importante salientar que tal processo de treinamento se daria de forma compulsória, de modo que todo e qualquer super-humano precisaria passar por ele, mesmo sem possuir qualquer intenção de atuar como vigilante. Fica bastante claro aqui um processo de militarização em curso na sociedade ficcional, com cidadãos civis sendo convertidos em efetivos militares alheios à sua vontade. Essa situação culminaria nos anos seguintes na criação da “Iniciativa dos Cinquenta Estados”, um programa governamental que visa colocar uma super-equipe oficial em cada um dos estados ianques, como uma espécie de exército de heróis a serviço do poder público.<sup>35</sup> Mas esse tópico será analisado de forma mais detalhada no próximo capítulo.

## 2.3 O SENTINELA DA LIBERDADE

A opinião pública majoritariamente apoia o Ato de Registro, da mesma forma, a maior parcela dos heróis aceita as mudanças – alguns com entusiasmo, outros com relutância. A regulamentação parece ser o caminho natural das coisas. O mundo dos homens e mulheres mascarados agindo livremente, sem responder à autoridade alguma, está se transformando em um passado romântico. Entretanto, um grande número de vigilantes se posiciona contra a nova lei. Entre eles, o maior destaque é o posicionamento do Capitão América, o principal herói do país e símbolo da ideologia nacional.

Ele próprio não possui identidade secreta, é um agente licenciado pelo Estado e possui treinamento especializado – em resumo, está perfeitamente

---

<sup>35</sup> MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, nº 5, novembro, 2006.

enquadrado nos padrões impostos pela nova legislação. Apesar disso, para ele tal medida não poderia ser imposta de forma autoritária, cada herói mascarado deveria decidir por si mesmo se abrirá mão de sua privacidade e aceitará se tornar um agente público formal. O simbolismo aqui está bem claro: a tendência de sociedades controladas em nome da segurança conflitaria diretamente com o chamado “espírito americano”, representado pelo personagem, e sua suposta ideia de valorização da liberdade e dos direitos individuais.

Para o Capitão e sua formação moral do início do século XX, a simples ideia de colocar segurança acima de tudo seria algo inconcebível, pois flertaria com o Fascismo que ele foi ensinado a combater. Seu pensamento é visto por muitos outros personagens como ultrapassado e não condizente com as necessidades do mundo moderno. A reflexão feita pelo personagem, durante um monólogo interno, expressa sua visão sobre a postura da sociedade:

Eles querem super-heróis controlados pelo governo. Eles querem que sejamos marionetes para sermos sócios de uma companhia de estrutura, como políticos e todo o resto do mundo. [...] Eles apenas ligam para si mesmos mais do que para o mundo em que vivem. Eles querem estar confortáveis, não seguros. Eles não querem lutar pela sua liberdade. Eles querem alguém como eu para lutar para eles...<sup>36</sup>

No entanto, o posicionamento do ícone heroico serve de motivação para diversos personagens se colocarem contra o Ato de Registro. Com a aprovação da lei no Congresso, todos esses que se recusam a se adequar são imediatamente classificados como criminosos. Quando o registro, treino e controle da população super-humana são colocados a cargo da S.H.I.E.L.D.<sup>37</sup>, o próprio Capitão América é convocado pela diretora da agência, Maria Hill, para liderar outros heróis na perseguição e captura dos desobedientes, ordem que é recusada pelo personagem:

Capitão América: Você está me pedindo pra prender pessoas que arriscam suas vidas por este país todos os dias da semana.  
 Maria Hill: Não, estou pedindo a você para obedecer ao desejo do povo americano, Capitão.

<sup>36</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); CHAYKIN, Howard (ilustrador). **Novos Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, nº 21, agosto, 2006. Pág. 5

<sup>37</sup> S.H.I.E.L.D.: *Strategic Hazard Intervention, Espionage and Logistics Directorate* (em tradução livre: Diretório de estratégia, intervenção, espionagem e logística em situações de risco) é uma agência fictícia de segurança internacional vinculada ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas que na prática é controlada pelo governo dos Estados Unidos.

América: Não faça políticas comigo, Hill. Super-heróis precisam ficar acima daquela coisa ou Washington começará a nos dizer quem são os super-vilões.

Hill: Pensei que super-vilões fossem caras mascarados que se recusassem a obedecer à lei.<sup>38</sup>

Desta forma, o Capitão é declarado como criminoso e foge, passando a reunir os heróis não registrados e lidera-los em sua cruzada ideológica contra o Ato de Registro, dando início à Guerra Civil propriamente dita. Esse grupo, referido por vezes como “os Vingadores Secretos”, atua na ilegalidade por meses, utilizando identidades civis falsas, perseguindo e capturando criminosos conhecidos e os entregando anonimamente à polícia, numa tentativa de atrair a opinião pública para seu lado, mostrando que os heróis mascarados e anônimos ainda são confiáveis.

A postura do Capitão é fruto de um dilema essencialmente ideológico e ético. A defesa incondicional da liberdade individual é algo que está enraizado na sua personalidade e na sua forma de lidar com o mundo. O personagem demonstra que, em sua visão, tais medidas de segurança e controle propostas pelo Ato de Registro colocam sua sociedade em um caminho perigoso, pois, além de suprimir direitos, transformam jovens em soldados, minando sua capacidade de escolher o próprio destino, ao mesmo tempo em que militariza a nação:

Por sessenta anos, meu governo me procurou para defender a liberdade. Eu não quero acreditar que estava defendendo uma ditadura. Acredite em mim, eu vi o que acontece quando uma ideia insana sai do controle. Da última vez, isso deixou a Europa em pedaços. O mundo foi levado ao extremo porque um homem decidiu forçar a ideia de supremacia ariana em serviço. Porém nós não sabíamos o que estávamos enfrentando. Pensamos que seria glorioso defender nossas nações contra as deles. Nós simplesmente desperdiçamos o potencial de milhões de jovens.<sup>39</sup>

O questionamento sobre a ética nas ações dos grupos “anti-registro” e “pró-registro” é algo que permeia constantemente a narrativa. Um exemplo bastante claro disso é a decisão do Estado de utilizar alguns criminosos condenados como ferramentas na repressão aos vigilantes ilegais. Dessa forma, personagens com um longo histórico de atividades heroicas, como Demolidor e Luke Cage, são

<sup>38</sup> MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, julho, 2006, pág 23.

<sup>39</sup> JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 9, dezembro, 2006. Pág. 4.

classificados como ameaças à lei e ordem pública, recebendo ordens de prisão imediata. Enquanto super-vilões com extensas fichas criminais, como Venom, Mercenário e Duende Verde, são reabilitados ao aceitarem se registrar, passando a atuar ao lado dos heróis, como forma de reduzir suas próprias penas.<sup>40</sup> Essas decisões são vistas com surpresa e desconfiança pelos personagens, como expressado pela heroína Mulher Invisível, integrante da equipe Quarteto Fantástico: “Essa é a crise mais grave que já enfrentamos. Eles estão alistando super-heróis, e prendendo os que se recusam. Você pode acreditar que eles estejam recrutando super-vilões para nos capturar?”.<sup>41</sup>

Os históricos de atividades dos personagens deixam de ser levados em consideração. Não importa quem costumava ser herói ou vilão, a adesão ou recusa ao Ato de Registro é o que classifica quem pode ou não seguir atuando com suas habilidades sobre-humanas, e toda atividade deve ser sancionada e supervisionada pelas autoridades governamentais. Com isso, poder do Estado torna-se o único fator norteador do princípio heroico, com todos os super-humanos se tornando agentes do poder executivo.

Talvez o panorama traçado pelos autores seja um pouco alarmista, mas a narrativa claramente ilustra a sociedade estadunidense marchando rumo ao totalitarismo, adotando um novo perfil de intervenção estatal com “super-policiais” ou “super-soldados” se espalhando pelo país, contrariando sua tradicional política de Estado mínimo. Consequentemente parece indicar o abandono de um modelo de iniciativa privada, onde cada super-herói age por sua própria conta, uma ideia cuja simples menção causa histeria em alguns setores da população dos EUA.

## 2.4 CONSEQUENCIAS DA GUERRA

Ao longo de vários meses, os heróis (e vilões) mascarados lutam entre si pelas ruas, resultando em diversas detenções, danos materiais e mais algumas

---

<sup>40</sup> NICIEZA, Fabian (roteirista); GRUMMETT, Tom (ilustrador). **Thunderbolts**. Nova Iorque: Marvel, nº 103, agosto, 2006.

<sup>41</sup> MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, nº 6, dezembro, 2006, pág 9.

vidas perdidas – incluindo vigilantes, agentes públicos e civis. No entanto, os detalhes do conflito ficcional são pouco relevantes para a presente análise.

O foco pode ser o último ato da “Guerra Civil Super-heroica”, quando, após uma enorme batalha aberta em Nova Iorque, causando grandes danos, o líder da facção “anti-registro”, Capitão América, opta pela rendição. Novamente, as ações do personagem são motivadas por sua ideologia e seu código de ética pessoal. Ao perceber toda a destruição causada pelo confronto, ele conclui que os vigilantes perderam completamente o seu foco, pois estão colocando em risco as vidas inocentes que deveriam proteger. Decide, com isso, submeter-se à vontade da maioria da população, embora não concorde com ela. Muitos de seus apoiadores, porém, não acompanham sua nova postura e permanecem agindo na ilegalidade.

Levado para a prisão sem resistir, o personagem justifica sua posição para alguns repórteres:

Eu fiz um juramento de defender a América de forças externas e internas. Se isso significa ficar contra meu próprio governo, rejeitando uma lei falsa aprovada por meus próprios superiores, então suponho que é isso o que importa. [...] Eu vi a possibilidade de um Ato de Registro como uma violação básica de nossos direitos como americanos.<sup>42</sup>

O ícone heroico estadunidense é levado a julgamento por sua violação ao Ato de Registro e sua participação na “Guerra Civil”. Entretanto, o herói é vítima de um atentado no caminho para a audiência, no qual é baleado e acaba morrendo na escadaria de entrada do tribunal.<sup>43</sup> É difícil não ver algum simbolismo na morte de um personagem tão emblemático como o Capitão América, ainda mais ocorrendo nessas circunstâncias. A consideração mais lógica é que o assassinato representaria assim a morte da liberdade e do “espírito americano”, justamente na entrada de um prédio estatal que deveria representar a própria Justiça. O caminho adotado pelos políticos estaria destruindo o suposto ideal do povo estadunidense.

Embora a morte do herói cause óbvia comoção popular e tenha profundo impacto nas relações internas da comunidade heroica, a maior parte da sociedade parece feliz com o final do conflito e confortável com a aplicação das novas leis. Não

<sup>42</sup> JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 11, abril, 2007. Pág. 9.

<sup>43</sup> BRUBAKER, Ed (roteirista); EPTING, Steve (ilustrador). **Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, vol. 5, nº 25, abril, 2007.

há um sentimento generalizado de arrependimento pelo alto custo da aplicação do Ato de Registro de Super-humano. Talvez a sugestão aqui seja o quão docilmente o povo sacrifica sua própria liberdade em nome de uma suposta segurança.

### 3. A INICIATIVA DOS CINQUENTA ESTADOS

A publicação pela editora Marvel de uma sequência de histórias focadas em temas políticos não se inicia com o lançamento de *Guerra Civil*. Embora essa minissérie tenha sido o ponto alto desse processo, o mesmo se iniciou anos antes e se estendeu por toda a primeira década dos anos 2000. Obviamente, os fatos narrados ali foram de extrema relevância para as demais publicações da editora, com o “Ato de Registro” sendo o foco de muitas outras narrativas.

O presente capítulo focará sua análise nas histórias contadas nos anos posteriores à Guerra Civil – especificamente no período entre 2007 e 2010 – visando demonstrar como muitas delas persistem em abordar questões sociais e políticas, tanto interna quanto externa, presentes na sociedade estadunidense naquele momento. Temas como preconceito racial e religioso, xenofobia, imperialismo e corrupção são frequentes nessas narrativas, sempre apresentando de maneira alegórica o contexto histórico em que foram produzidas. Em alguns casos, histórias parecem projetar os temores de seus autores sobre as consequências dos caminhos adotados pelos Estados Unidos. Formam-se projeções – em geral, bastante negativas – sobre como essas políticas podem repercutir no futuro próximo do país de maneira por vezes desastrosa.

#### 3.1 POLÍTICA INTERNA E MILITARIZAÇÃO

Imediatamente após o término do conflito entre os super-heróis, o Ato de Registro está em pleno vigor, contando com o apoio da maior parcela da população. Buscando impedir que o segredo das identidades dos vigilantes e o controle direto sobre suas ações fiquem nas mãos do governo federal – e, portanto, submetido ao sabor das variações e mudanças da política partidária nacional, algo que era um dos maiores temores da comunidade heroica – estabelece-se que este trabalho deve ser exercido por uma agência de segurança especializada, onde supostamente será tratado por profissionais. Com isso, todos os mascarados passam a responder à autoridade da S.H.I.E.L.D. e de seu novo diretor.

Como já foi citado no capítulo anterior, a S.H.I.E.L.D. é uma fictícia agência internacional de inteligência e espionagem vinculada ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. Ela representa o papel do grande observador, o olho-que-tudo-vê, interferindo na vida de todos e sendo o símbolo maior da erosão do direito à privacidade, muitas vezes sendo associada a ideologias totalitárias. Porém, como quase todos os grandes órgãos do mundo Marvel, ela está impregnada de influências políticas, sendo profundamente ligada ao governo dos Estados Unidos, que indica os cargos do alto escalão e, embora de forma indireta, controla as suas ações. A mesma relação de subserviência entre Casa Branca e organizações internacionais presente no mundo histórico, que é apontada e duramente criticada por diversos setores dentro e fora das fronteiras ianques.

Essa influência governamental resulta na indicação do personagem Tony Stark, o Homem de Ferro, para o cargo de diretor da S.H.I.E.L.D. após sua central participação na instauração do Ato de Registro. Sendo assim, ele se torna o detentor do acesso a todas as identidades secretas e, em última análise, o líder máximo de todos os super-humanos estadunidenses.<sup>44</sup> Curioso salientar que, durante todo o seu período como diretor, a maior parte do seu trabalho parece voltado para os assuntos internos dos EUA, com pouca intervenção em temas relacionados aos demais países. Nos momentos em que isso ocorre, os Estados Unidos são mostrados em um papel central de liderança, muitas vezes de maneira negativa, ignorando as autoridades e/ou leis locais.<sup>45</sup>

A indicação de Stark é alvo de críticas por suposto favorecimento e, até mesmo, suspeitas de corrupção. Um policial investigando atividades super-humanas ilegais durante a Guerra Civil chega a especular que todo o conflito pode ter sido motivado apenas por interesses econômicos:

Esses criminosos supostamente estão marcados... Alguma espécie de robôs em miniatura na corrente sanguínea deles, ou coisa assim. É tudo coisa de alta-tecnologia real. [...] Eu tenho de pensar: 'Quem desenvolveu esses nano-robôs'? Digo, quem é pago para desenvolver essa coisa para os militares? Ora, vejam só, é nosso amigo, Tony Stark. [...] A menos que você possa pensar em outra forma de deslocar oitenta milhões de dólares, pense nisso, Ben:

<sup>44</sup> BENDIS, Brian (roteirista); SILVESTRI, Marc (ilustrador). **Guerra Civil: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, abril, 2007.

<sup>45</sup> KNAUF, Charles (roteirista); DE LA TORRE, Roberto (ilustrador). **Homem de Ferro: Diretor da SHIELD**. Nova Iorque: Marvel, nº 17, junho, 2007.

Quem vai ganhar se irritarmos o Rei da Atlântida? Os fabricantes de armas. São eles. E se essa guerra toda, esse tempo todo, fosse por causa de dinheiro?<sup>46</sup>

As suspeitas dizem respeito à utilização de uma série de aparatos tecnológicos pelo Governo, quase exclusivamente produzidos pelas empresas de Tony Stark, após a imposição do Ato Registro. Armas e armaduras táticas, veículos voadores, coleiras que inibem poderes, rastreadores microscópicos e diversos outros itens. Até mesmo a prisão de segurança máxima construída para prender os super-humanos. Sendo o maior fabricante de armas e tecnologia do país, o empresário lucrou enormemente com o conflito interno – e também com os conflitos externos que serão descritos mais adiante neste capítulo. Além disso, também é frequentemente acusado pela mídia de espionar os cidadãos e de fazer mau uso das verbas públicas destinadas às forças armadas.<sup>47</sup>

Sob a liderança do Homem de Ferro, os super-heróis estadunidenses, em especial os Vingadores, passariam os anos seguintes atuando como militares vinculados hierarquicamente à S.H.I.E.L.D. e ao poder público. Talvez o mais importante desdobramento do processo seja a designação de vigilantes específicos para cada região do país, no projeto denominado “Iniciativa dos Cinquenta Estados”, ou, algumas vezes, apenas “a Iniciativa”. Desta forma, alguns grupos de heróis tradicionais são nomeados como protetores oficiais de determinadas regiões – como os Defensores, em Nova Jersey, e os Thunderbolts, no Colorado –, enquanto outros grupos foram criados especificamente para essa função – como a Força Tarefa, no Iowa, e os Pesos Pesados, em Nevada.

Como se pode ver, trata-se realmente de uma força militar governamental. Isso é deixado plenamente claro na fala do personagem Henry Gyrich, funcionário de alto escalão do Conselho de Segurança Nacional, que é nomeado Secretário das Forças Armadas Super-Humanas:

Nós ganhamos a corrida dos super-poderes. Nós temos um exército de super-heróis. Com a sua ajuda eles podem se tornar uma armada de super-heróis. Então se pergunte, sargento. De qual jeito você

---

<sup>46</sup> JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 8, novembro, 2006. Pág. 10.

<sup>47</sup> ELLIS, Warren (roteirista); DEODATO, Mike (ilustrador). **Thunderbolts**. Nova Iorque: Marvel, nº 110, março, 2007. Pág. 11.

gostaria de lutar essa guerra? Com mais botas no chão ou mais capas no ar?<sup>48</sup>

A presença do poder repressivo e/ou violento do Estado se torna muito mais perceptível por meio desses super-humanos que prontamente respondem a qualquer ameaça. Mais do que isso, demonstra à população – e também ao resto do mundo – uma força bélica superior a qualquer outra utilizada antes, representando inclusive um enorme potencial de intimidação na figura dos “super-policiais” da Iniciativa. Do ponto de vista dos vigilantes mascarados, representa a cristalização de um novo modelo de atividade institucionalizada e estatizada, contrária ao formato desregulamentado tradicional, onde imperavam a iniciativa privada e a liberdade de atuação individual.

Mesmo após o final da Guerra Civil, alguns heróis seguem se recusando a aderir ao Ato de Registro, permanecendo na ilegalidade. Todo o aparato de repressão estatal é empregado na captura desses personagens – muitas vezes de forma mais intensa do que no combate aos super-criminosos tradicionais – e boa parte das histórias publicadas nesse período foca-se em narrar essa perseguição constante.<sup>49</sup> Fica claro que a resistência ao controle governamental está no topo da hierarquia de gravidade dos crimes cometidos por um super-humano.

Embora a criação dessa força militar sobre-humana não encontre alguma correspondência tão direta na realidade histórica estadunidense – visto que nem seria possível, dado o caráter fantasioso da questão –, a analogia aqui parece ser ao fortalecimento da presença do Estado durante a “Guerra contra o Terror”. As normas que reforçam a estatização em nome de uma suposta segurança para a população, erodindo direitos individuais, em especial privacidade e autonomia, na busca por potenciais ameaças, assim como a atuação mais ostensiva das forças de repressão no início dos anos 2000 parecem estar figurativamente representadas nas narrativas pela atuação da Iniciativa. Da mesma forma, as ações e posturas de diversos personagens sugerem um país em constante esforço para manter sua supremacia militar mundial. Então, se os super-humanos são o mais recente recurso bélico da

---

<sup>48</sup> SLOTT, Dan (roteirista); CASELLI, Stefano (ilustrador). **Vingadores: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, junho, 2007. Pág. 6-7.

<sup>49</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); YU, Leinil (ilustrador). **Novos Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, nº 27, abril, 2007.

humanidade – talvez a principal arma das guerras futuras – a Casa Branca garantirá a si mesma a primazia neste campo.

O projeto Iniciativa dos Cinquenta Estados inclui também o treinamento de super-heróis em potencial, uma vez que o despreparo dos jovens vigilantes havia sido considerado o principal motivo do “Desastre de Stamford” e diversos outros incidentes menores. Desta forma, construiu-se uma base militar de treinamento na cidade de Stamford, no exato lugar da tragédia, para receber os potenciais recrutas. O local, batizado de Campo Hammond em referência a um super-humano que fora combatente na Segunda Guerra Mundial, seria mantido pelas forças armadas, mas sob a tutela de heróis registrados. Sendo assim, foi nomeado diretor o coronel da Marinha James Rhodes, que possuía também uma longa carreira como herói mascarado, integrando a equipe Vingadores sob o codinome Máquina de Combate. Pode-se notar que a base é um exemplo perfeitamente adequado da nova condição estatizada e/ou militarizada dos super-humanos na narrativa.

A fala de outro Vingador, Hank Pym, um dos fundadores da equipe e principal professor no Campo Hammond, ao receber os recrutas recém-chegados esclarece os objetivos do local:

Neste local, um grupo de jovens, poderosos super-humanos, muito parecido com vocês, se precipitou ao entrar em uma batalha. Eles foram sem um plano. Sem treinamento apropriado. E com um monte de atitude. E a maioria deles morreu. Junto com mais de 600 homens, mulheres e crianças. Nós estamos aqui para garantir que uma tragédia daquela nunca mais aconteça. Aqui no Campo Hammond, nós iremos ensinar o básico do treinamento de um Vingador. Isso inclui combate, primeiros socorros e ética super-humana. Uma vez que você passe, você terá um upgrade no seu cartão de registro que passará a ser um cartão de licença de herói. E, se você se destacar bem, será oferecido para você um lugar entre os cinquenta times de super-heróis espalhados pelo país. Faça isso e você terá muito sucesso.<sup>50</sup>

Importante salientar, mais uma vez, o caráter compulsório do programa de treinamento. Todo candidato a vigilante mascarado ou qualquer indivíduo portador de capacidades sobre-humanas deve obrigatoriamente se submeter aos treinos da Iniciativa. Mesmo nos casos em que o indivíduo possui habilidades de forma natural ou as adquiriu acidentalmente, não tendo qualquer interesse em se tornar um super-

<sup>50</sup> SLOTT, Dan (roteirista); CASELLI, Stefano (ilustrador). **Vingadores: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, junho, 2007. Pág. 13.

herói. Aquele que recusar o treinamento, ou for considerado inapto pelos professores, terá seus poderes removidos – de forma cirúrgica ou por meio de aparelhos tecnológicos inibidores – ou, nos casos em que tais procedimentos forem impossíveis, detido em uma instalação presidiária especial por tempo indeterminado.

### **3.2 MUTANTES: PRECONCEITO E DIVERSIDADE**

Desnecessário dizer que, em uma situação na qual a sociedade civil sofre restrições em suas liberdades, os grupos minoritários são sempre os afetados de forma mais dura. No universo ficcional da Marvel, os chamados “mutantes” foram criados para representar essas minorias, constantemente abordando temáticas de preconceito e opressão nas histórias da equipe de heróis mutantes, os X-Men. Aqui se faz necessário uma breve contextualização histórica.

Surgidos ainda nos anos 60 – no auge dos protestos em defesa dos direitos civis dos cidadãos negros nos Estados Unidos –, os X-Men possuem diversas referências a esse contexto histórico. A começar pelo líder do grupo, o professor Charles Xavier, cujas posturas e discursos são claramente inspirados na pessoa de Martin Luther King Jr., o mais famoso e importante ícone do movimento negro estadunidense naquele momento. Como King, Xavier defende abertamente a construção de um futuro pacífico onde os dois grupos – mutantes e “humanos” na ficção, negros e brancos na sociedade real – vivam em harmonia, projeto que é por vezes referido por seus alunos como “o sonho de Xavier” em clara analogia ao famoso discurso realizado por Luther King em Washington, em 1963.

Da mesma forma, Magneto, o grande rival de Xavier e principal inimigo dos heróis, tem sua imagem frequentemente associada ao ativista Malcolm X devido a suas metodologias agressivas na defesa dos direitos dos mutantes. Embora seja considerado um vilão, e por vezes terrorista, esse personagem possui uma história de vida complexa que, se não justifica sua atitude violenta, ao menos permite que o leitor compreenda suas motivações, chegando ao ponto de frequentemente se aliar aos heróis, sempre que seus objetivos se encontram. Tendo nascido judeu na Alemanha durante o governo de Adolf Hitler, Magneto conheceu muito jovem as piores coisas que podem resultar do preconceito humano, passando parte de sua

infância em um campo de concentração, onde foi o único sobrevivente de sua família. Posteriormente, já adulto e consciente de sua condição de mutante, o personagem voltou a sofrer com a perseguição racial, desta vez por conta de sua mutação genética, resultando na morte de sua filha pequena.<sup>51</sup> Após esse evento, abandona sua identidade civil para se dedicar a defesa violenta dos mutantes, mesmo que isso signifique sacrificar vidas de “humanos normais”.

Em sua primeira versão, os X-Men representavam as minorias de forma ainda sutil, sendo um grupo composto por cinco jovens brancos estadunidenses – portanto isentos de qualquer preconceito de cunho étnico – e que poderiam se passar facilmente por pessoas comuns, já que não possuíam qualquer tipo de mutação física aparente. Apesar disso, tornavam-se alvo de ataques e ofensas sempre que alguém descobria sobre suas condições de mutantes. Na segunda formação da equipe, criada em 1970, a representação da diversidade passa a ser mais direta, sendo ela composta por uma queniana, um canadense, um alemão, um russo, um apache, um japonês, um irlandês e mais tarde uma judia. Todos integrantes de povos vistos com desconfiança por setores da sociedade estadunidense da época.

Entre todos os grupos de heróis da Marvel, certamente nenhum apresenta a diversidade tanto quanto os mutantes. Não apenas no sentido simbólico, também de forma literal. Nenhuma outra HQ inclui entre os protagonistas tantos personagens de diferentes nacionalidades, diferentes religiões ou diferentes sexualidades. Um exemplo bem recente é a criação da heroína afegã Sooraya Qadir,<sup>52</sup> justamente no auge do preconceito contra o Islã no país, em 2002. Sendo uma muçulmana sunita, a personagem veste-se sempre com o hijab, sendo visíveis apenas seus olhos.

Ao longo dos anos, muitas histórias clássicas dos X-Men comprovam essa condição de representante alegórico das minorias. Tanto que o grupo é atacado com muita frequência por fanáticos religiosos que os consideram uma abominação, por vezes formando unidades paramilitares para caça-los como os “Purificadores”.<sup>53</sup> Outro exemplo interessante se deu nos anos 90, quando o vírus da AIDS ainda era visto como uma doença que atingia apenas homossexuais. Na

---

<sup>51</sup> CLAREMONT, Chris (roteirista); BOLTON, John (ilustrador). **Clássicos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 12, agosto, 1987.

<sup>52</sup> MORRISON, Grant (roteirista); VAN SCIVER, Ethan (ilustrador). **Novos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 133, dezembro, 2002.

<sup>53</sup> CLAREMONT, Chris (roteirista); ANDERSON, Brent (ilustrador). **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 1983.

mesma época, os personagens se confrontaram com o “vírus legado”, uma síndrome que inicialmente afetava apenas mutantes.<sup>54</sup> Enquanto foi um problema restrito à minoria, ele foi ignorado pela maior parte da sociedade – na verdade, muitas pessoas o viam como uma forma de se livrar dos mutantes – porém logo a doença afetaria alvos não-mutantes, sendo então considerada uma epidemia e recebendo pesquisas em busca de uma cura.

Durante o período analisado no presente estudo, a repressão ao grupo atinge um dos momentos mais rígidos, incluindo o cercamento da escola que serve como base para os X-Men por soldados do governo equipados com Sentinelas – enormes máquinas de combate, originalmente projetadas para caçar e exterminar mutantes.<sup>55</sup> O direito de ir e vir dessa minoria é totalmente restrito, sendo necessária autorização especial para entrar ou sair do terreno da escola. Tudo feito sob o pretexto de protegê-los de possíveis atentados cometidos por grupos extremistas que pregam o extermínio da raça, em geral com motivações religiosas. Embora esse processo de restrição se inicie alguns meses antes da promulgação do Ato de Registro, ele está inserido no mesmo contexto.

A presença das Sentinelas é obviamente intimidadora, mas não apenas isso. As máquinas cercando o território onde se localiza a mais importante instituição gerida por mutantes no país passa a todos os membros dessa minoria a indiscutível mensagem de que estão sob a mira da artilharia pesada da Casa Branca. Para alguns personagens, a contenção é comparável a uma reserva indígena. Enquanto, para outros, é mais parecido com um campo de concentração. Em ambos os casos, representa uma forma hostil e totalitária de um governo lidar com seu próprio povo.

A intolerância não é apresentada na narrativa apenas como uma postura do Estado, mas também aparece largamente na sociedade civil, com diversos grupos, em geral religiosos ou pseudocientíficos, identificando os mutantes como uma ameaça à existência da espécie humana. Além de discursos ideológicos carregados de ódio nas ruas ou na mídia e protestos contra os direitos da minoria, ou mesmo contra sua existência, alguns desses grupos apelam para a violência física, chegando ao ponto de atacar indivíduos nas ruas ou em suas casas, muitas vezes resultando na morte das vítimas. Até mesmo a escola dos X-Men é alvo de

---

<sup>54</sup> NICIEZA, Fabian (roteirista); CAPULLO, Greg (ilustrador). **X-Force**. Nova Iorque: Marvel, nº 18, janeiro, 1993.

<sup>55</sup> CLAREMONT, Chris (roteirista); GREEN, Randy; LOPRESTI, Aaron (ilustradores). **Dizimação: Dinastia M – O Dia Seguinte**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 2006.

diversos atentados. Em um deles, um ônibus cheio de alunos é destruído por uma bomba, matando cerca de 40 estudantes.<sup>56</sup> Todo o preconceito e ódio racial expresso por alguns segmentos da sociedade dos Estados Unidos, que se tornou ainda mais visível após 2001, estão representados nas histórias dessa minoria fictícia.

Apesar das tentativas de sabotagem de membros racistas do alto escalão do Governo, as lideranças mutantes conseguem negociar o fim do confinamento após o término da Guerra Civil.<sup>57</sup> Com isso, a sede dos X-Men se transfere de Westchester para São Francisco, do lado oposto do país, em busca de um local mais seguro para receber os refugiados da minoria, que agora migravam de muitos lugares do mundo procurando se colocar sobre a proteção dos heróis. Tendo recebido uma acolhida relativamente tranquila por parte da população, os X-Men firmam um acordo político com a prefeitura da cidade transformando-se em uma espécie de equipe oficial local, semelhante aos grupos da Iniciativa.<sup>58</sup> Com isso, as relações entre as duas comunidades se tornam um pouco mais pacíficas durante um tempo, formando algo semelhante a uma “embaixada mutante” em São Francisco.

No entanto, os protestos civis contra o grupo prosseguem no país, especialmente após as mudanças na diretoria da S.H.I.E.L.D. que ocorreriam pouco tempo depois. Um grupo de ativistas encabeçado por um líder religioso inicia uma marcha por várias cidades exigindo a aprovação criação de lei que restrinja o direito de reprodução mutante, regulando quando e como os mesmos podem ter filhos.

Protegendo crianças. Protegendo nossas escolas, nossas cidades. Protegendo tudo e todos da catástrofe grotesca. Pessoas protegendo pessoas. É isto. Isto é tudo o que ele quer. A última vez que um mutante nasceu, uma cidade inteira foi destruída pela violência e pelo caos. E tudo que precisamos fazer para ter certeza que isto nunca mais aconteça novamente é gentilmente e humanitariamente legalizar quando e como os mutantes serão permitidos a se reproduzir. Quando ele colocou desse jeito... Quem possivelmente estaria contra ele?<sup>59</sup>

<sup>56</sup> KYLE, Craig; YOST, Chris (roteiristas); PELLETIER, Paul; BROOKS, Mark (ilustradores). **Novos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 23, abril, 2006.

<sup>57</sup> HINE, David (roteirista); PAQUETTE, Yanick (ilustrador). **Guerra Civil: X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, novembro, 2006.

<sup>58</sup> BRUBAKER, Ed; FRACTION, Matt (roteiristas); LAND, Greg; DODSON, Terry (ilustradores). **Fabulosos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, vol. 1, nº 500, setembro, 2008.

<sup>59</sup> FRACTION, Matt (roteirista); SILVESTRI, Marc (ilustrador). **Vingadores Sombrios & Fabulosos X-Men: Utopia**. Nova Iorque: Marvel, agosto, 2009. Pág. 2.

Desnecessário dizer que a marcha acabaria resultando em violência entre os ativistas pró e anti-mutantes. Com o agravamento dos conflitos, o governo federal intervém no local por meio de seus vigilantes super-humanos registrados – incluindo alguns mutantes formando um grupo de “X-Men institucionalizados” – e a imposição de lei marcial na cidade. No fim, os principais líderes dos verdadeiros X-Men são responsabilizados pelo caos urbano e levados à prisão. A situação inteira é uma direta referência aos protestos realizados em defesa ou contrários aos direitos civis de minorias e a forma como o Estado muitas vezes atua em relação a eles. Mas isso é mostrado com ainda mais clareza no discurso de alguns estudantes que planejam se manifestar pacificamente mesmo sabendo que serão reprimidos:

Olha, eu quero sair lá fora e socar esses fascistas na cara como todo mundo aqui, mas... Mas é assim que eles agiriam. É isso que eles fazem. Somos os evoluídos, certo? Vamos agir como tais. No instante que quebrarmos o toque de recolher, vamos todos pra cadeia. Por mim tudo bem, mas inferno, não vai parar por aí. Nós vamos lá fora exercer nosso direito de assembleia pacífica e seremos presos da maneira mais visível possível e vamos fazer que todos vejam o que acontece se nós não exigimos nossos direitos constitucionais.<sup>60</sup>

Em última análise, é possível afirmar que toda essa narrativa contesta a noção de Estados Unidos como uma terra da liberdade e dos direitos iguais – em especial em relação à cidade de São Francisco que possui a fama de ser receptiva à diversidade. A intolerância crescente no país é o enfoque principal aqui. Nos quadrinhos publicados nos meses posteriores, a situação se agravaria ainda mais e a comunidade mutante estadunidense acabaria por se isolar em uma ilha artificial fora do território nacional, reclamando para si a aceitação como nação independente e oferecendo asilo a todos os membros da minoria ao redor do mundo.<sup>61</sup>

---

<sup>60</sup> FRACTION, Matt (roteirista); DODSON, Terry (ilustrador). **Fabulosos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 513, setembro, 2009. Pág. 19.

<sup>61</sup> FRACTION, Matt (roteirista); DEODATO, Mike; DODSON, Terry; DODSON, Rachel (ilustradores). **Vingadores Sombrios & Fabulosos X-Men: Exodus**. Nova Iorque: Marvel, novembro, 2009.

### 3.3 POLÍTICA EXTERNA E IMPERIALISMO

Além das questões sociais internas, a política externa dos Estados Unidos também é constantemente retratada nas histórias da Marvel, muitas vezes por meio da atuação da S.H.I.E.L.D., mas quase sempre de forma muito negativa, pontuada por xenofobia e imperialismo. Durante o período analisado na presente monografia, várias nações fictícias, consideradas perigosas pelo governo devido à presença de super-humanos proeminentes, são alvo de operações militares realizadas e/ou lideradas por forças estadunidenses ou mesmo atentados contra a vida de autoridades estrangeiras.

O Reino Submarino de Atlântida possui um longo histórico de pequenos conflitos com os Estados Unidos e seus heróis. Durante a Guerra Civil, o Rei Namor fornece apoio militar ao grupo dos anti-registro, devido a sua antiga amizade com o Capitão América. Para piorar as coisas, alguns espiões atlantis são encontrados infiltrados nos EUA e uma cidade é alvo de um atentado a bomba. Embora o país marítimo negue envolvimento nos ataques e os atribua a dissidentes terroristas que desejam desestabilizar o monarca, as autoridades estadunidenses prometem retaliação e uma frota de submarinos da S.H.I.E.L.D. é enviada para depor Namor.<sup>62</sup> Durante o conflito, a capital de Atlântida fica em ruínas e sua população acaba se dispersando pelo oceano.

Localizada no leste europeu, Latvéria é uma monarquia tradicionalmente regida por Victor Von Doom, o vilão Doutor Destino, que sempre foi considerada como uma nação totalitária e hostil pelo governo dos EUA. Durante um período em que o vilão esteve desaparecido e supostamente morto, a Casa Branca conseguiu influenciar na instauração de uma democracia e na consequente eleição Lucia Von Bardas como primeira-ministra. Mais tarde, Bardas é acusada de estar financiando ataques terroristas em território estadunidense, por meio de super-criminosos de baixa categoria. A S.H.I.E.L.D. então realiza um ataque secreto para tentar assassinar a governante eleita.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> CHERNISS, Matt; JOHNSON, Peter (roteiristas); BRIONES, Phill (ilustrador). **Submarino: Revolução**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 6, janeiro, 2008.

<sup>63</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); DELL'OTTO, Gabriele (ilustrador). **Guerra Secreta**. Nova Iorque: Marvel, abril, 2004.

Outro país fictício alvo das ações militares estadunidenses foi o reino asiático de Attilan, povoado pelos Inumanos, uma civilização que foi modificada geneticamente por alienígenas há milhares de anos. Após alguns importantes artefatos militares e culturais serem roubados de sua capital, os mesmos foram confiscados pelo governo dos Estados Unidos e levados ao Pentágono, sob a alegação de que se tratam de armas de destruição em massa.<sup>64</sup> Todas as tentativas de diplomacia inumana são rechaçadas pela Casa Branca, resultando em conflito aberto. A mídia descreve os estrangeiros como fanáticos religiosos e suas ações como ataques terroristas. Após alguns confrontos, tropas estadunidenses invadem o território inumado causando enorme destruição na sua capital.<sup>65</sup>

Embora a nação africana de Wakanda possua boas relações diplomáticas com os Estados Unidos, o Rei T'challa – o herói mascarado Pantera Negra – optou por intervir pessoalmente durante a Guerra Civil. O monarca tentou, em um primeiro momento, intermediar as negociações dos dois grupos de heróis. Posteriormente, decidiu apoiar a causa do Capitão América, irritando as autoridades estadunidenses, que já o viam com suspeitas devido às suas relações com “nações perigosas”. Após isso, T'challa é alvo de dois atentados cometidos por agentes federais. Em um deles o prédio da embaixada de Wakanda em Nova Iorque é parcialmente destruído.<sup>66</sup>

Tais ações agressivas não foram vistas com surpresa, o próprio Rei Namor de Atlantis previu alguns meses antes o ataque ao seu povo e teorizou sobre a criação pelo Ato de Registro de um exército de super-humanos para ser usado contra outros países:

Ninguém acredita que o ato de registro seja o objetivo final. Depois que eles tiverem um exército de super-heróis, o que os impedirá de fazer isso com todos os meta-humanos do mundo, pressionando-os para que façam parte de seu arsenal? [...] Alguém vai ter que liderar a resistência global – ou ela aparecerá em forma de atos de violência desorganizados e aleatórios, que servirão de pretexto para os Estados Unidos invadirem nações soberanas.<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> HINE, David (roteirista); MARTINEZ, Roy Allan (ilustrador). **Filho do M.** Nova Iorque: Marvel, nº 3-6, abril-julho, 2006.

<sup>65</sup> HINE, David (roteirista); IRVING, Frazer (ilustrador). **Guerra Silenciosa.** Nova Iorque: Marvel, nº 1-6, março-agosto, 2007.

<sup>66</sup> HUDLIN, Reginald (roteirista); GARCIA, Manuel (ilustrador). **Pantera Negra.** Nova Iorque: Marvel, volume 4, nº 18-25, setembro, 2006 – abril, 2007

<sup>67</sup> Id. **Pantera Negra.** Nova Iorque: Marvel, volume 4, nº 21, dezembro, 2006. Pág. 18-19.

Talvez o único país real, fora os Estados Unidos, que é constantemente cenário de narrativas no mundo Marvel seja o Canadá. Durante o período de vigência da Iniciativa, muitos super-humanos estadunidenses, sobretudo criminosos, fogem para o vizinho do norte, criando uma verdadeira onda migratória. Logicamente acabam se tornando um problema de segurança pública a ser solucionado pelas autoridades canadenses.<sup>68</sup> O principal grupo de super-heróis locais, a Tropa Alfa, já atua vinculado ao Poder Executivo há alguns anos, porém se encontra debilitado devido a recente morte de diversos membros. Buscando auxiliar na questão, a S.H.I.E.L.D. envia alguns heróis registrados nos EUA para reforçar o time. Com isso, a super-equipe símbolo do Canadá passa a ser composta, ao menos temporariamente, por uma maioria de integrantes estrangeiros.

Analisando em retrospectiva, a política internacional dos Estados Unidos é sempre representada pela Marvel como imperialista e agressiva, atropelando os interesses de outras nações sem qualquer cerimônia. As Nações Unidas, quase sempre representadas por meio da S.H.I.E.L.D., parecem não ser muito mais que um braço diplomático do imperialismo estadunidense. Embora a citada agência de segurança internacional seja aliada frequente dos heróis em momentos de crise, é sempre vista por eles com desconfiança, sendo considerada uma entidade traiçoeira e com tendência ao fascismo.

### 3.4 O CAMINHO DO DESASTRE

A narrativa da editora Marvel mostra uma versão ficcional da sociedade estadunidense fortemente vigiada, e este formato é apresentado como caminho para um inegável desastre social. E isso fica especialmente nítido durante a última etapa analisada por este capítulo, publicada entre 2009 e 2010, onde a vigência do Ato de Registro é retratada como uma escalada de autoritarismo e corrupção no governo federal. Um número cada vez maior de heróis passa para a ilegalidade, sendo perseguidos como criminosos por não responderem à autoridade governamental.

Em contrapartida, as flutuações dos interesses políticos colocam um crescente grupo de vilões em posições privilegiadas, culminando na exoneração do

---

<sup>68</sup> OEMING, Michael Avon (roteirista); KOLINS, Scott (ilustrador). **Tropa Ômega**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, junho, 2007.

diretor da S.H.I.E.L.D., Tony Stark, o super-herói Homem de Ferro. Durante algum tempo, ele foi o rosto a frente do exército de super-humanos estatais, mas esse fato mudaria bruscamente após a minissérie *Invasão Secreta*, que narra uma fantasiosa invasão do planeta Terra por alienígenas transmorfos. Ao sequestrarem diversas personalidades importantes e/ou estratégicas – entre heróis reconhecidos e autoridades governamentais – e assumirem suas identidades, eles se infiltram nos governos e instituições de todos os países do mundo, passando então a efetivamente controla-lo.

Quando a infiltração é descoberta pelos humanos, todos os pontos estratégicos, incluindo forças armadas, comunicações, etc., já estão nas mãos dos alienígenas disfarçados. Até mesmo a S.H.I.E.L.D. e todas as equipes de heróis registrados da Iniciativa dos Cinquenta Estados foram comprometidas, sendo praticamente impossível distinguir entre os invasores e humanos legítimos, em uma narrativa que remete à paranoia estadunidense tão presente na sua sociedade nos anos 2000. A ideia de ter inimigos vivendo disfarçados entre a população civil, se passando por aliados ou pessoas comuns, é sintetizada na frase-chave “Em quem você confia?”, que se repete ao longo de toda a história. Ao final da minissérie, após o caos mundial, os heróis conseguem derrotar e expulsar os infiltrados, mas Stark é considerado pela opinião pública como o principal responsável pelo desastre e perde seu cargo como diretor da S.H.I.E.L.D. e líder máximo da Iniciativa.<sup>69</sup>

Quem assume a posição é Norman Osborn, homem com uma longa ficha criminal, porém com fortes relações políticas. Empresário de sucesso nos ramos de indústria química e tecnologia, ele há muitos anos foi acidentalmente infectado por um soro experimental em um dos laboratórios de sua empresa, o que lhe concedeu poderes sobre-humanos ao custo de sua sanidade mental, tornando-se o vilão Duende Verde, clássico antagonista do herói Homem-Aranha. Mais tarde, Osborn teve sua identidade descoberta e acabou na prisão, com seu prestígio público destruído. No entanto, durante os eventos narrados em *Guerra Civil*, ele foi recrutado pelo Governo, interessado em sua genialidade científica, tornando-se um super-humano registrado.<sup>70</sup> Lentamente ganhou a confiança das autoridades e foi

---

<sup>69</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); YU, Leinil Francis (ilustrador). **Invasão Secreta**. Nova Iorque: Marvel, nº 8, janeiro, 2009.

<sup>70</sup> JENKINS, Paul (roteirista); FERNANDEZ, Leandro (ilustrador). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, agosto, 2006.

nomeado líder tático dos Thunderbolts, a equipe oficial do estado do Colorado, onde investiu grandes recursos em publicidade, apresentando-os – e a si próprio – como um time de homens regenerados, dispostos a compensar seus crimes do passado.

Consolidando sua imagem pública como um estrategista que combate o crime com firmeza, Osborn passa a ser admirado por grande parte da sociedade. Além disso, seu prestígio dá um gigantesco salto durante a *Invasão Secreta*, quando ele é filmado disparando o tiro fatal contra a líder suprema dos alienígenas infiltrados, imagem que rapidamente corre o mundo, transformando o ex-vilão em um herói mundial.<sup>71</sup> Diante disso, Norman Osborn se torna o homem perfeito para assumir a direção da S.H.I.E.L.D., contando com apoio da opinião pública majoritária de praticamente todos os países.

Como já citado no capítulo anterior, as atitudes precedentes de um super-humano, seja como herói ou vilão, tornaram-se menos importantes que a obediência ao Estado sob os termos do Ato de Registro. Desta forma, mesmo sendo um notório ex-criminoso, o antigo Duende Verde se tornou um homem de confiança da Casa Branca e a liderança de todos os heróis do país foi colocada em suas mãos. Os valores da sociedade estadunidense estariam sendo completamente subvertidos por interesses políticos duvidosos. A esmagadora maioria da população do país segue uma figura messiânica que, por meio de uma postura agressiva, apresenta soluções rápidas e fáceis para os temores públicos relacionados à segurança.

Neste momento, a corrupção na política federal passa a ser o foco das histórias da Marvel, enquanto as leis de segurança são usadas de forma autoritária, beirando o fascismo. O novo diretor imediatamente começa a utilizar os recursos da máquina pública para perseguir seus antigos opositores, em especial os heróis não registrados.<sup>72</sup> As acusações de que o Estado estaria espionando civis, que já existiam sob o comando do Homem de Ferro, tornam-se cada vez mais recorrentes nesse momento. Além disso, Osborn costura acordos com diversos criminosos conhecidos, prometendo liberdade para suas atividades ilegais em troca de lealdade, contanto que os mesmos mantenham a descrição:

---

<sup>71</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); YU, Leinil Francis (ilustrador). **Invasão Secreta**. Nova Iorque: Marvel, nº 8, janeiro, 2009.

<sup>72</sup> BENDIS, Brian (roteirista); DJURDJEVIC, Marko (ilustrador). **Reinado Sombrio: a Lista – Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, novembro, 2009.

Eu vou dizer o que você e seus amigos farão... Vocês se registrarão na Iniciativa. Vocês se legalizarão, cada um de vocês. Todo e qualquer mutante ou bandidinho debaixo das suas garras. [...] Depois disso, continuem fazendo o que fazem. Eu nem mesmo vou pedir por informações. Vocês cuidam dos seus. Mas sem ataques às instalações governamentais. Nenhuma trapaça pela trapaça. E quando eu chamar e pedir para que ataquem um lugar, vocês atacam. E eu prometo que não há nada que eu queira atingir que vocês tenham alguma reserva para com isso. E o que diabos recebem em troca? Imunidade. Você é preso, pode sair imediatamente. E você poderá viver com plena impunidade.<sup>73</sup>

As atividades de quase todos os heróis tradicionais passam a ser feitas na ilegalidade neste período, enquanto as forças de repressão estatais se tornam cada vez mais agressivas e autoritárias, no arco denominado como *Reinado Sombrio*, publicado nos anos de 2009 e 2010. Uma nítida descrição de uma sociedade distópica como o resultado final para o caminho de militarização adotado pelos Estados Unidos. A paranoia tomou conta do país e gradualmente as liberdades civis foram sendo sonegadas até que toda a população – em especial os super-humanos, que são o foco das histórias – se tornasse refém. Se no início o processo parecia repleto de boas intenções, com o apoio da maioria dos heróis, sob o comando de uma de suas tradicionais lideranças, em alguns anos toda a estrutura fora subvertida colocando criminosos supostamente regenerados no topo da cadeia de comando. Muitos dos antigos comandantes da Iniciativa são declarados criminosos, sob pretextos obscuros, passando então a ser perseguidos pela mesma máquina estatal que ajudaram a construir anos antes.<sup>74</sup> Mais uma vez, o simbolismo é bem claro: mesmo sendo criadas com objetivos corretos, as decisões tomadas pela política de segurança estadunidense podem ser facilmente distorcidas para usos interesseiros e/ou inescrupulosos, levando a resultados terríveis para a sociedade.

Novamente, a mídia é colocada como peça fundamental no processo. Desde o início, ainda com os Thunderbolts, Norman Osborn se utiliza de campanhas publicitárias para ganhar o apoio da opinião pública.<sup>75</sup> Depois, em *Invasão Secreta*,

<sup>73</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); MALEEV, Alex (ilustrador). **Invasão Secreta: Reinado Sombrio**. Nova Iorque: Marvel, fevereiro, 2009. Pág. 17-18.

<sup>74</sup> FRACTION, Matt (roteirista); LARROCA, Salvador (ilustrador). **Invencível Homem de Ferro**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 9, março, 2009.

<sup>75</sup> ELLIS, Warren (roteirista); DEODATO, Mike (ilustrador). **Thunderbolts**. Nova Iorque: Marvel, nº 110, março, 2007.

diversas câmeras de TV registram o momento exato em que ele executa a líder dos invasores e, após essa cena correr o mundo rapidamente, o Duende Verde se consolida como herói mundial. Em seu mandato como diretor da S.H.I.E.L.D., ele emprega enormes recursos públicos na manutenção de sua imagem como grande líder.<sup>76</sup> Diversos veículos de comunicação estabelecem um vínculo de subserviência com o Estado, passando a divulgar apenas o que lhe convém e dando pouco espaço para opiniões divergentes.<sup>77</sup> Desta forma, a maior parte das denúncias contra o novo comandante do “exército de super-humanos” são ignoradas pelo público.

No entanto, embora a maior parte da mídia apoie sem reservas, as vozes dissidentes aos poucos se tornam cada vez mais numerosas. A fala de um âncora de telejornal do canal Fox:

O que deu errado? Quando nós decidimos contratar assassinos fantasiados para serem a Gestapo super-humana? Nós chegamos aquele ponto onde nós aplaudíamos policiais mascarados espantando as inconveniências políticas das ruas e então desaparecendo com elas. Quem é o próximo, você pode perguntar? Quem está no final desta longa lista? A resposta é simples: você e eu.<sup>78</sup>

Com a maior parte dos heróis na ilegalidade, as rupturas na “comunidade heroica” causadas pela criação do Ato de Registro começam a desaparecer.<sup>79</sup> Aos poucos os grupos vão se unindo para tentar desmascarar o Duende Verde. Em uma reviravolta miraculosa, típica das narrativas de HQ, o lendário Capitão América retorna à vida<sup>80</sup> e assume novamente seu posto como líder máximo dos heróis não-registrados. Sob o seu comando, os personagens reúnem provas contra o vilão para expor suas atividades ilegais. Novamente o processo ocorre por meio da mídia, que divulga amplamente o discurso de Osborn no qual, sem saber que está sendo

---

<sup>76</sup> BENDIS, Brian (roteirista); DEODATO, Mike (ilustrador). **Vingadores Sombrios**. Nova Iorque: Marvel, nº 5, agosto, 2009.

<sup>77</sup> REED, Brian (roteirista); SAMNEE, Chris; WILSON, Matthew (ilustradores). **Cerco: Embutidos**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, abril, 2010.

<sup>78</sup> ELLIS, Warren (roteirista); DEODATO, Mike (ilustrador). **Thunderbolts**. Nova Iorque: Marvel, nº 112, maio, 2007. Pág. 12.

<sup>79</sup> BENDIS, Brian (roteirista); TAN, Billy (ilustrador). **Novos Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, nº 48, fevereiro, 2009.

<sup>80</sup> BRUBAKER, Ed (roteirista); HITCH, Bryan; GUICE, Butch (ilustradores). **Capitão América: Renascido**. Nova Iorque: Marvel, nº 6, março, 2010.

gravado, ele confessa sua atuação criminosa enquanto diretor da agência. Sua imagem como líder firme e competente é rapidamente desconstruída após o fato.<sup>81</sup>

O retorno do Capitão América tem uma simbologia tão óbvia quanto a sua morte ao final de *Guerra Civil*. Se antes a representação do “espírito americano” sangrava nas escadas de um tribunal – onde seria julgado por defender os ideais de liberdade acima de tudo –, agora o mesmo retorna triunfante para salvar seu país no momento mais sombrio. Sua presença faz com que a nação altere de maneira brusca o caminho seguido, com o personagem sendo retratado conversando pessoalmente com o presidente sobre os eventos, resultando, após os diversos crimes e atentados sancionados pelo diretor da agência de segurança, na revogação do Ato de Registro pelo Congresso.<sup>82</sup>

Importante salientar que a mudança do cenário político do mundo ficcional está profundamente ligada às variações políticas ocorridas nos EUA naquele momento. A criação do Ato de Registro e o subsequente crescimento da postura autoritária do Estado ocorrem durante o mandato do presidente George W. Bush, cujos discursos públicos contribuíram diretamente para a construção da sensação de insegurança vivida pela sociedade estadunidense e cujas ações administrativas se assemelham às narradas em *Guerra Civil* e histórias posteriores. Por outro lado, os primeiros anos da gestão de Barack Obama coincidem com o final do período de militarização da comunidade heroica, sendo retratado como fase de redução do autoritarismo e valorização da liberdade.

Cabe salientar que o nome do presidente Bush jamais é citado como o responsável pelo momento autoritário apresentado nas HQ, embora seu rosto seja identificável nos poucos momentos em que o chefe de Estado é retratado. A única menção nominal a ele é feita apenas em uma revista paralela – que, embora não apresente o conflito em si, se passa no mesmo período – onde Bush é mostrado em uma visita diplomática a um monarca africano.<sup>83</sup> Embora a figura do presidente seja poupada de críticas diretas, seu governo é claramente o alvo.

---

<sup>81</sup> BENDIS, Brian (roteirista); COIPEL, Olivier (ilustrador). **Cerco**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, maio, 2010.

<sup>82</sup> Id. **Cerco**. Nova Iorque: Marvel, nº 4, junho, 2010.

<sup>83</sup> HUDLIN, Reginald (roteirista); EATON, Scot (ilustrador). **Pantera Negra**. Nova Iorque: Marvel, nº 18, setembro, 2006.

## 4. NOVOS TEMPOS?

Em 2010, a editora Marvel concluiu sua sequência de histórias com forte teor político, que fora iniciada em *Guerra Civil* e terminou após o *Reinado Sombrio*. É óbvio que narrativas com esse tema continuariam sendo publicadas, porém de forma mais pontual, não mais como o eixo central. A chamada “Era Heroica” iniciada em 2011 adota temas menos vinculados à realidade social do país, talvez devido a um suposto momento político menos efervescente – ou menos histórico – na sociedade estadunidense, durante o mandato do presidente Barack Obama.

Classificar o início dos anos 2010 como politicamente tranquilos seria sem dúvidas um exagero. Não houve qualquer mudança significativa na política externa imperialista, com novas incursões militares na Líbia e na Síria, além da continuidade das operações no Iraque e no Afeganistão. No entanto, passados dez anos dos atentados de Nova Iorque, há um perceptível recuo na visão alarmista predominante no país. As campanhas patrióticas na mídia também retornam ao seu nível normal – visto que elas nunca desaparecem completamente. E algumas ações questionáveis do governo anterior são revistas por Obama, como sua tentativa de fechar a prisão de Guantánamo, decisão que foi rejeitada pelo Congresso.

### 4.1 ERA HEROICA: LIBERALISMO E DIVERSIDADE

Como dito anteriormente, o período entre 2011 e 2015, possui pouco destaque para a política no Mundo Marvel. Portanto, representa pouco interesse para a presente análise. Porém, antes de avançar para publicações mais recentes, pode ser importante destacar, de forma bastante breve, alguns tópicos relevantes que foram abordados nesses anos.

A primeira coisa a observar são as consequências diretas da revogação do Ato de Registro após vigorar por cerca de quatro anos. Com Steve Rogers no comando da S.H.I.E.L.D. – e aposentado temporariamente do seu papel como Capitão América – a comunidade heroica retomou o seu tradicional funcionamento privado e desregulamentado, seguindo um modelo característico da sociedade

estadunidense. Nada mais de vigilantes institucionalizados agindo como super-policiais ou alguma espécie de exército governamental de super-humanos.<sup>84</sup>

Tampouco houve uma ruptura completa. Sob a liderança do Comandante Rogers, muitos vigilantes optaram por seguir o direcionamento da agência de segurança internacional, porém sem comprometimentos hierárquicos. Como dito no segundo capítulo do presente estudo, o posicionamento do Capitão América sempre foi de cunho eminentemente ético e ideológico, ou seja, os super-humanos deveriam escolher livremente entre associar-se ao Estado ou manter sua autonomia.<sup>85</sup> Mais uma vez, fica claro que o personagem representa um farol moral nacional, a personificação do “espírito americano”, de modo que o direito de livre escolha faria parte de um suposto conjunto de valores inerentes aos cidadãos estadunidenses.

Várias das super-equipes institucionalizadas da Iniciativa dos Cinquenta Estados continuam existindo, porém sem o investimento de verba estatal e sem obrigatoriedade de seguir qualquer diretriz hierárquica.<sup>86</sup> Passam a agir apenas como entidades privadas, mantidas pela iniciativa de seus próprios membros em um formato tipicamente liberal. Processo semelhante ocorreria com o campo de treinamento militar oficial construído no local do “Desastre de Stamford” para onde todos os jovens com algum tipo de habilidade sobre-humana deveriam ser enviados. O centro foi imediatamente fechado, sendo logo substituído por uma instituição privada, a “Academia de Vingadores”, localizada na Califórnia. Neste novo local, Hank Pym – herói mascarado e antigo diretor educacional do Campo Hammond – passou a fornecer treinamento e orientação aos mesmos jovens, porém de forma totalmente opcional.<sup>87</sup>

Deixando de lado definitivamente *Guerra Civil*, é interessante destacar que muitas histórias publicadas nesse período foram marcadas por dois fatores especialmente importantes e muito ligados ao contexto histórico em que foram produzidas: diversificação de protagonismos e dessexualização das personagens femininas. Tradicionalmente, o mundo dos super-heróis – não apenas na Marvel,

---

<sup>84</sup> BENDIS, Brian Michael, (roteirista); ROMITA JR., John (ilustrador). **Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, nº 1, julho, 2010.

<sup>85</sup> BENDIS, Brian Michael, (roteirista); IMMONEN, Stuart (ilustrador). **Novos Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 1, agosto, 2010.

<sup>86</sup> MCKEEVER, Sean (roteirista); NORTON, Mike (ilustrador). **Próprio Medo: Juventude Revoltada**. Nova Iorque: Marvel, julho, 2011.

<sup>87</sup> GAGE, Christos (roteirista); MCKONE, Mike (ilustrador). **Academia de Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, agosto, 2010.

mas também em outras editoras como DC Comics, Image, etc. – é majoritariamente dominado por protagonistas masculinos. Em geral, homens brancos, heterossexuais, e quase sempre cristãos. Esse perfil padronizado se aplica a quase totalidade dos personagens de destaque, aqueles que possuem revistas solo de longa duração ou lideram as equipes em revistas coletivas. Capitão América, Homem de Ferro, Thor, Hulk, Homem Aranha, Wolverine, Demolidor, Senhor Fantástico, Professor Xavier, Nova, Motoqueiro Fantasma, Justiceiro, Deadpool. Todos são exemplos disso e seria possível encher muitas páginas com outros.

Obviamente esse fato se deve ao contexto histórico em que estes personagens foram criados, quase todos nos anos 60 e 70, quando o público das HQ era restrito aos jovens estadunidenses do sexo masculino. No entanto, as duas primeiras décadas do século XXI trouxeram uma nova estrutura para o cenário ficcional da Marvel, mais adequada ao mundo contemporâneo. A diversidade de representações ultrapassou os limites dos mutantes com a criação de muitos novos personagens que visam fugir a este estereótipo, bem como a aumento significativo do enfoque dado a personagens antes secundários. Especial destaque para os casos de “passagem de manto”, processo pelo qual um personagem clássico sai de cena – em geral de forma temporária – sendo substituído por um antigo aliado ou discípulo que passa a utilizar o codinome do herói anterior.

Durante um período breve, alguns dos personagens mais tradicionais e populares da Marvel foram substituídos por novos protagonistas – os motivos que levaram à reversão desse processo em anos subsequentes serão analisados ainda nesta monografia. Em todos os casos, a mudança permitiu maior representação das diversidades, tanto em termos de gênero quanto de etnia. O primeiro e mais relevante caso de “passagem de manto” ocorrido no período foi o surgimento do jovem negro e latino Miles Morales. O personagem foi criado originalmente em uma história alternativa onde o Homem-Aranha original, Peter Parker, morre em combate, sendo então substituído por Morales.<sup>88</sup> Esse caso foi, provavelmente, um teste da editora para checar a aceitação de seus leitores. Apesar da polêmica que causou, o personagem logo se tornou popular ao resgatar a conceito de “herói adolescente e sem dinheiro” que caracterizava o Aranha em décadas passadas. Devido ao

---

<sup>88</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); PICHELLI, Sara (ilustradora). **Ultimate: Consequências**. Nova Iorque: Marvel, nº 4, outubro, 2011.

sucesso de Miles, o personagem posteriormente seria incluído à cronologia principal da Marvel como um aprendiz de Peter.<sup>89</sup>

Possivelmente motivada pela aceitação do novo Homem-Aranha, a mudança foi replicada várias vezes. Após a aposentadoria do Capitão América, seu velho amigo, Sam Wilson – que durante muitos anos foi Falcão, o estereotipado parceiro/ajudante negro do herói branco e loiro –, assume o seu escudo e também a liderança dos Vingadores.<sup>90</sup> Quando o médico Don Blake, que por muitos anos foi receptáculo do deus Thor, deixou de ser digno do martelo sagrado Mjolnir, o mesmo foi passado para a Dra. Jane Foster, tornando-se a encarnação do Deus do Trovão – agora a *Deusa* do Trovão.<sup>91</sup> A adolescente Laura Kinney assume o nome de Wolverine após a morte do herói original, seu pai Logan Howlett.<sup>92</sup> O Motoqueiro Fantasma seria substituído pela mexicana Alejandra Jones<sup>93</sup> e depois pelo filho de porto-riquenhos Robbie Reyes.<sup>94</sup> O também hispânico Sam Alexander torna-se Nova após a morte do vigilante cósmico anterior.<sup>95</sup> A muçulmana de origem paquistanesa Kamala Khan assume a identidade de Miss Marvel depois que a heroína original, Carol Danvers, de quem a menina é grande fã, troca seu codinome para Capitã Marvel.<sup>96</sup> O cientista sul-coreano Amadeus Cho se torna o Hulk ao absorver para si os poderes de seu antigo mentor, Bruce Banner.<sup>97</sup> Embora tenha apenas 15 anos, a estudante negra Riri Williams, conseguiu construir sozinha uma réplica da armadura do Homem de Ferro, atraindo a atenção do herói que mais tarde lhe convida para ser sua aluna.<sup>98</sup> Posteriormente, quando Stark entra em coma durante um combate,

<sup>89</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); BAGLEY, Mark (ilustrador). **Ultimate: o Fim**. Nova Iorque: Marvel, nº 5, fevereiro, 2016.

<sup>90</sup> REMENDER, Rick (roteirista); PACHECO, Carlos (ilustrador). **Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, vol. 7, nº 1, dezembro, 2014.

<sup>91</sup> AARON, Jason (roteirista); RIBIC, Esad (ilustrador). **Thor: Deus do Trovão**. Nova Iorque: Marvel, nº 25, novembro, 2014.

<sup>92</sup> TAYLOR, Tom (roteirista); LOPEZ, David; NAVARROT, David (ilustradores). **Novíssima Wolverine**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, janeiro, 2016.

<sup>93</sup> WILLIAMS, Rob (roteirista); CLARK, Matthew (ilustrador). **Motoqueiro Fantasma**. Nova Iorque: Marvel, vol. 7, nº 1, setembro, 2011.

<sup>94</sup> SMITH, Felipe (roteirista); MOORE, Tradd (ilustrador). **Novíssimo Motoqueiro Fantasma**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, maio, 2014.

<sup>95</sup> BRUBAKER, Ed (roteirista); PULIDO, Javier (ilustrador). **Marvel Ponto Um**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 2012.

<sup>96</sup> EWING, Al (roteirista); GARBETT, Lee (ilustrador). **Novíssima Marvel: Ponto Um**. Nova Iorque: Marvel, março, 2014.

<sup>97</sup> PAK, Greg (roteirista); CHO, Frank (ilustrador). **Totalmente Incrível Hulk**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, fevereiro, 2016.

<sup>98</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); DEODATO JR., Mike (ilustrador). **Invencível Homem de Ferro**. Nova Iorque: Marvel, vol. 3, nº 7, maio, 2016.

ela assume seu lugar – embora, pela diferença de gênero, Riri opte pelo nome Coração de Ferro.

Esses são apenas alguns exemplos mais destacados, em todos eles o protagonista masculino e de ascendência europeia foi alterado para alguém cujo gênero e/ou etnia divergisse desse padrão. É importante salientar também alguns números referentes ao crescimento da participação feminina nos quadrinhos nesse período. Entre 2012 e 2015, foram lançadas 16 séries mensais protagonizadas por personagens do sexo feminino. Após 2015, esse número subiu ainda mais, atingindo um total de 22 revistas periódicas.<sup>99</sup>

Apesar desse avanço recente, é impossível negar que historicamente as histórias em quadrinhos são machistas. Não apenas no que se refere à quase total ausência de protagonistas femininas, mas também pela forma como essas personagens são representadas. Além do óbvio estereótipo da mocinha indefesa que precisa ser resgatada pelo herói, outro problema é a enorme sexualização de heroínas e vilãs. Quase sempre os seus uniformes salientam seus atributos físicos, com maiôs apertados e decotes profundos, mesmo que isso sacrifique qualquer praticidade ou proteção necessárias em um traje de vigilante. Também os ângulos e posições que as personagens costumam ser desenhadas enfocam sua sexualidade.

No período analisado, a editora procurou rever completamente essa postura, alterando a vestimenta de quase todas as personagens para modelos mais condizentes com a atuação de uma super-heroína:

A partir da Nova Marvel! [fase editorial que durou de 2012 a 2015] a editora também mudou a postura como estaria abordando as personagens femininas. Não basta dar destaque para elas, seria necessário também saber escrever elas de uma forma que pudessem ser inspiradoras para as leitoras. A editora chamou a escritora Kelly Sue DeConnick para encabeçar essa iniciativa, escrevendo a revista da Carol Danvers, que antes atendia por Miss Marvel e vestia um maiô e agora atendia como Capitã Marvel e passou a usar um uniforme realmente digno. Na sequência dos lançamentos praticamente todas as heroínas foram “dessexualizadas”, isso é, a sexualidade exagerada delas foi retirada, mas mantiveram a sensualidade feminina. Biquínis, maiôs, roupas apertadas e seios gigantes passaram a ser cada vez mais raros.<sup>100,101</sup>

---

<sup>99</sup> HECK, Marcos. *Entenda como a Marvel dessexualizou as suas heroínas*. Jamesons, 2017. Disponível em: <<http://jamesons.com.br/marvel-dessexualizou-as-suas-heroínas/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

<sup>100</sup> Idem.

A iniciativa enfrentou a resistência de boa parte do público leitor, que se posicionou contra a diversificação. Apesar disso, vários editores, roteiristas e desenhistas vieram a público defender a mudança e rechaçar o conservadorismo dessa parcela do público. A postura da editora parece estar alinhada ao crescente posicionamento de artistas mulheres estadunidenses – em especial entre as atrizes de Hollywood como Cate Blanchett e Jennifer Lawrence –, que vem cobrando com frequência a indústria cultural do país por representações mais dignas do papel feminino.

## 4.2 RACISMO E XENOFOBIA

Ao longo de 2015, um novo quadro político começa a ser desenhado nas páginas da Marvel, embora apenas a partir de 2016 se torne tema central das séries publicadas. Por isso, a presente monografia buscará analisar de forma mais detalhada os materiais escritos nesse período, que parecem ser profundamente influenciados pelas crescentes tensões sociais que marcaram os Estados Unidos ao final do segundo mandato do Presidente Barack Obama. Com o fortalecimento gradual de grupos de extrema-direita, centrados na figura do então candidato à presidência Donald Trump, temas como racismo e xenofobia são discutidos com cada vez mais frequência e isso parece se refletir nas publicações da editora.

Começando por Sam Wilson, sua chegada ao posto de Capitão América – praticamente uma instituição do povo estadunidense neste cenário ficcional – causou polemica entre os leitores e também entre alguns personagens, em ambos os casos ele é visto como apenas um ajudante do “verdadeiro” Capitão. Wilson é frequentemente menosprezado pelos seus críticos, muitos dos quais culpam o “politicamente correto” pela sua escolha. A seguir o trecho da fala de um figurante que é mostrado se posicionando sobre o tema enquanto lê um jornal:

Antigamente a gente tinha que merecer as coisas... Agora a gente entrega de bandeja em prol do politicamente correto. [...] Mas quantas guerras ele ganhou pra nós? Quantas invasões ele impediu? Eu te digo: nenhuma. Steve Rogers é um herói e um ícone nacional.

---

<sup>101</sup> A comparação entre os uniformes antigos e novos pode ser observada no anexo 1.

Ele protege esse país desde antes do meu pai nascer. Agora, Sam Wilson herdou o manto e todo mundo sabe o porquê. [...] E nós deixamos ele responsável por proteger o país. Você e sua geração foram manipulados. Sam Wilson não é meu Capitão América... Ele não merece o uniforme.<sup>102</sup>

Grande parte das primeiras histórias do Novíssimo Capitão América, ainda em 2015, o retrata combatendo grupos neonazistas, representados pela organização terrorista Hydra, fundada na Alemanha durante o Governo Hitler. Tal grupo estaria tentando se infiltrar na S.H.I.E.L.D. e em várias super-equipes, um tópico que seria recorrente nas publicações dos anos posteriores.<sup>103</sup> Nos meses seguintes, o herói é mostrado lidando com os problemas da fronteira sul dos Estados Unidos, onde um grupo de fanáticos religiosos ataca imigrantes mexicanos que tentam entrar no país ilegalmente pelo deserto. Cabe aqui ilustrar um trecho do discurso do líder dessa milícia, que se refere a Wilson como “Capitão Socialismo”:

Mas até que o poderoso muro seja construído, vocês [mexicanos] vêm aqui querendo nossos empregos que são nossos por direito! E se não conseguem, vocês procuram assistência paga pelos nossos impostos. E mais, vocês me fazem ter que apertar o numero um para poder falar inglês em cada ligação usando o meu próprio satélite? [...] Enquanto outros estão satisfeitos em protestar pacificamente ou votar em eleições fraudulentas, os Filhos da Serpente acreditam que a agressão deve ser respondida com agressão.<sup>104</sup>

O discurso é obviamente caricato, em uma nítida tentativa de descrever como ridículo e absurdo o posicionamento dos grupos políticos que defendem a construção de um gigantesco muro na fronteira entre Estados Unidos e México. Não é necessário salientar aqui que esse projeto xenofóbico recebia apoio de uma considerável parcela da sociedade estadunidense no ano de publicação da revista. E o tema é abordado com frequência nessa série mensal, embora nem sempre utilizando a figura de fanáticos terroristas.

Além de combates contra grupos extremistas, as narrativas centradas no Capitão América negro também apresentam outra questão social profundamente ligada ao fato de Sam Wilson não ser um homem branco: a violência policial contra

<sup>102</sup> REMENDER, Rick (roteirista); IMMONEN, Stuart (ilustrador). **Novíssimo Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, nº 5, maio, 2015. Pág. 3-4.

<sup>103</sup> Id. **Novíssimo Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, fevereiro, 2015.

<sup>104</sup> SPENCER, Nick (roteirista); ACUÑA, Daniel (ilustrador). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, dezembro, 2015. Pág. 26.

cidadãos negros e latinos.<sup>105</sup> Reproduzindo nas HQ uma polêmica extremamente presente na sociedade estadunidense na atualidade, a história mostra a aprovação de um projeto político municipal no qual o policiamento urbano passa a ser exercido por uma empresa de segurança privada que realiza o serviço por meio de robôs – denominados com o sugestivo de nome de “americops”. Posteriormente seriam indicados pelo Senado também para a patrulha de fronteira. A iniciativa conta com amplo apoio na mídia televisiva.

No entanto, desde o início surgem denúncias entre as camadas populares indicando postura autoritária e violenta das máquinas policiais contra os cidadãos da periferia, especialmente jovens negros e hispânicos. A imprensa, claro, dá pouco espaço para as denúncias. O Capitão América procura, em um primeiro momento, não ter envolvimento direto na questão, apenas apaziguando os ânimos. Mas após a ocorrência de protestos civis, que são duramente reprimidos pelo Estado, resultando no espancamento de muitos ativistas, incluindo o vigilante Rage – um jovem super-humano negro –, o herói adota uma postura mais ativa, embora ainda tentando encontrar uma solução pacífica.

Acaba entrando em conflito direto com o Agente Americano, um militar e vigilante texano, franco apoiador de políticas reacionárias, cujos trajes imitam o Capitão América original, que é convencido por um grupo de congressistas de extrema-direita a atacar Sam numa tentativa de recuperar o escudo que, segundo eles, foi roubado de Steve Rogers.<sup>106</sup> O confronto entre os dois patriotas recebe ampla cobertura da mídia, que obviamente colocam Wilson como culpado por tudo.

Após a prisão de Rage ao supostamente ser confundido com um assaltante pelos policiais robóticos, o Capitão América busca provas da sua inocência, reunindo gravações da cena e capturando o verdadeiro assaltante. Apesar disso, a justiça rejeita as provas e mantém o jovem negro preso, resultando em protestos violentos por parte dos cidadãos da periferia, que são classificados como “agitadores raciais” pela mídia. A narrativa reproduz alegoricamente aqui uma série de casos semelhantes que se multiplicam na sociedade estadunidense no período. A fala do personagem Rage, na cadeia, evidencia a mensagem que a narrativa transmite:

<sup>105</sup> SPENCER, Nick (roteirista); UNZUETA, Angel (ilustrador). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, nº 10, agosto, 2016.

<sup>106</sup> SPENCER, Nick (roteirista); ACUÑA, Daniel (ilustrador). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, nº 12, outubro, 2016.

A lei, sabe, a lei deveria ser um acordo entre os dois lados. Uma via de mão-dupla. Você a cumpre, ela te protege em troca. Como você vai pedir às pessoas que sigam a lei se a lei se tornar seu inimigo? Quando a lei é de que eles precisam ser protegidos muitas vezes? O que quer que aconteça agora, acontece por causa da verdade. Eu posso viver com isso. Pode não fazer uma grande diferença, mas pelo menos será lembrado. Pelo menos serei lembrado.<sup>107</sup>

Após esse fato, Sam Wilson renuncia ao codinome Capitão América.

Outro personagem que está visceralmente ligado às discussões sociais estadunidenses atuais é a adolescente muçulmana Kamala Khan. Criada em 2013, ela logo assume o codinome de Miss Marvel – que outrora pertencia à heroína Carol Danvers, uma militar branca e loira – sendo um dos raros casos de uma protagonista não cristã e filha de imigrantes. Embora as suas histórias possuam um tom bastante leve, característico das séries voltadas para o público infanto-juvenil, o preconceito religioso contra o Islã é bastante presente, da mesma forma a discriminação racial relacionada aos povos árabes – no caso, paquistaneses.<sup>108</sup>

A série protagonizada por Kamala aborda constantemente o tema da diversidade. Além da já citada questão religiosa e das dificuldades relacionadas às diferenças culturais, temas como sexualidade, obesidade e *bullying* escolar também aparecem. A colega loira e popular que acaba se revelando homossexual ao se apaixonar pela vizinha muçulmana<sup>109</sup> ou a amiga que vive com suas duas mães adotivas<sup>110</sup> são exemplos disso.

Em determinado momento, a personagem enfrenta um inimigo virtual, uma inteligência artificial desenvolvida para se espalhar pela internet como um vírus e aprender com o comportamento humano. Após ter contato com comunidades de jogadores de MMO (*Massive Multiplayer Online*) a criatura passa a reproduzir sua conduta tóxica, atacando perfis pessoais para roubar segredos íntimos e publicá-los com o único objetivo de humilhar seus alvos.<sup>111</sup> A narrativa parece ser uma referência direta ao projeto da empresa Microsoft – lançado poucos meses antes da

<sup>107</sup> SPENCER, Nick (roteirista); RENAUD, Paul (ilustrador). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, nº 20, maio, 2017. Pág. 8.

<sup>108</sup> WILSON, Gwendolyn Willow (roteirista); MIYAZAWA, Takeshi (ilustrador). **Ms. Marvel**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, nº 2, fevereiro, 2016.

<sup>109</sup> Id. **Ms. Marvel**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, nº 9, setembro, 2016.

<sup>110</sup> Id. **Ms. Marvel**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, nº 1, janeiro, 2016.

<sup>111</sup> Id. **Ms. Marvel**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, nº 16, maio, 2017.

publicação da revista – que consistia em criar uma inteligência artificial para interagir com os usuários de redes sociais e aprender com os mesmos:

Foram necessárias 24 horas para a garota artificial se desenvolver na internet, tempo o suficiente para a trajetória tomar uma rota inesperada e para a Microsoft acabar com o experimento. Pelo menos temporariamente. Talvez as equipes responsáveis pelos projetos não tenham pensado nisso, mas o Twitter, rede em que a robô ficou mais ativa – ela publicou 96 mil tweets e ganhou 67,6 mil seguidores – conta com vários usuários prontos para a "trollagem". Ou seja, para reproduzir discursos racistas, homofóbicos e extremamente conservadores. Tanto sinceramente quanto para tirar sarro de marcas como a Microsoft. Como Tay desenvolve seus conhecimentos a partir das interações que tem com outros usuários, em pouco tempo estava publicando mensagens de ódio.<sup>112</sup>

Os crimes virtuais e os malefícios possíveis por meio das redes sociais aparecem também em outras séries mensais. Em uma delas, a detetive Misty Knight investiga caso de vídeos eróticos que estão sendo comercializados na internet mostrando diferentes heroínas e vilãs como protagonistas. “Elas negam a autenticidade das imagens, mas ninguém acredita nelas porque... bem, droga, alguém alguma vez acreditou na mulher quando acontece esse tipo de coisa?”,<sup>113</sup> nas palavras de Knight. A personagem consegue rastrear o criador dos filmes e boa parte dos compradores e/ou divulgadores e leva-os à prisão, além de comprovar que os mesmos são forjados com tecnologia roubada.

Nas páginas dos X-Men, as famosas *fake news* aparecem como vetor de distribuição de discursos de ódio nas redes sociais, sendo usadas pelos extremistas perseguidores de mutantes para angariar mais adeptos às suas causas:

Estive monitorando uma elevação de propaganda antimutante pelas redes sociais. Os *feeds* estão repletos delas. Histórias de acidentes e violência mutantes, meias verdades contadas fora de contexto ou mentiras completas. Surgiram por volta de um mês. Algoritmos mirando pessoas com recorrentes preconceitos e preocupações. Alimentando seu medo e transformando-o em ódio.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> MOREIRA, Isabela. *A Microsoft criou uma robô que interage nas redes sociais - e ela virou nazista*. **Galileu**, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/03/microsoft-criou-uma-robo-que-interage-nas-redes-sociais-e-ela-virou-nazista.html>>. Acesso em: 29 set. 2018.

<sup>113</sup> SPENCER, Nick (roteirista); ACUÑA, Daniel (ilustrador). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, nº 16, fevereiro, 2017. Pág. 11.

<sup>114</sup> TAYLOR, Tom (roteirista); ASRAR, Mahmud (ilustrador). **X-Men: Vermelho**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, junho, 2018. Pág. 17.

Nos últimos anos, em especial durante as eleições presidenciais de 2016, a propagação de notícias falsas tem sido importante ferramenta de desinformação e consequente manipulação da opinião pública. Segundo especialistas, teria sido muito utilizada pelos apoiadores do candidato Donald Trump e fundamental para sua vitória.<sup>115,116</sup> Não demoraram a aparecer também no universo Marvel.

### 4.3 LIMITES ÉTICOS

E sempre existe a S.H.I.E.L.D., com seu constante flerte com o fascismo. Após os mandatos de Tony Stark, Norman Osborn e Steve Rogers, a militar de longa carreira Maria Hill ocupa novamente no cargo de diretora da agência, assim como fora no período anterior à Guerra Civil. Como sempre, a entidade se vê repleta de acusações de violações de direitos, em especial, no que se refere à privacidade.

Durante o arco *Vingadores: o Impasse*, um hacker invade os servidores da S.H.I.E.L.D. e divulga para o mundo alguns dos programas secretos da agência. A Diretora Hill, incapaz de negar os fatos divulgados, procura desviar o foco colocando a pessoa que vazou as informações como o verdadeiro criminoso:

Essas acusações estão completamente fora de questão. Primeiro, Kobik era uma proposta, nada mais. Eu tenho várias propostas na minha mesa. Isso não significa que elas se tornarão realidade, se me desculparem as palavras escolhidas. Além disso, para todos aqueles que criticam até mesmo a intenção dessa proposta... Dado o que aconteceu conosco... A recente crise de invasão... Se nós pudéssemos prevenir esse tipo de tragédia... Ou piores... Considerando um uso menor e cuidadoso desse programa, não deveríamos usar? Essa não é nossa obrigação? O que deveríamos discutir hoje é sobre o criminoso que vazou informações secretas e, fazendo isso, colocou vidas em risco. Porque, tenham certeza, encontrar quem fez isso se tornou minha prioridade favorita.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> GREENBURG, Zack O'Malley. *Como boatos ajudaram a eleger Donald Trump nos EUA*. **Forbes**, 2016. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/negocios/2016/11/como-boatos-ajudaram-a-eleger-donald-trump-nos-eua>>. Acesso em: 29 set. 2018.

<sup>116</sup> MARS, Amanda. *Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?* **El País**, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655\\_450950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html)>. Acesso em: 29 set. 2018.

<sup>117</sup> REMENDER, Rick (roteirista); IMMONEN, Stuart (ilustrador). **Novíssimo Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, fevereiro, 2015. Pág. 7.

A postura da comandante se assemelha bastante aquela adotada pelo governo dos Estados Unidos em relação ao vazamento de informações sigilosas sobre programas de espionagem da CIA pelo funcionário Edward Snowden<sup>118</sup> – comparação que é feita na própria narrativa da Marvel.<sup>119</sup> Na ocasião, a prioridade foi capturar e punir o responsável pela divulgação e pouca importância foi dada para o conteúdo divulgado.

O programa Kobik em que a S.H.I.E.L.D. estaria trabalhando, segundo a denúncia feita pelo hacker anônimo, consiste em utilizar um fragmento do Cubo Cósmico – um artefato milagroso de origem alienígena com a capacidade de alterar aspectos da realidade concreta – que estaria em posse da agência para modificar compulsoriamente as memórias de criminosos detidos. O processo faria com que os mesmos esquecessem suas identidades reais e passem a viver novas vidas em uma cidade-prisão, onde estão sob a vigilância constante de guardas disfarçados como cidadãos comuns dessa suposta comunidade interiorana.<sup>120</sup>

Desnecessário salientar que o projeto viola tratados internacionais sobre tortura e, mais especificamente, lavagem cerebral. Além disso, traz de volta a discussão sobre ética abordada anteriormente e o Comandante Steve Rogers, o antigo Capitão América, condena imediatamente a iniciativa, que classifica como “brincar de Deus”. Rogers então entra mais uma vez em confronto com a agência internacional e esforça-se para encerrar o programa com o apoio de Sam Wilson, o atual Capitão, e seu antigo parceiro Soldado Invernal, que portou o escudo temporariamente após a Guerra Civil. Ou seja, os três “Capitães América” os representantes do “espírito americano” se unem para combater medidas totalitárias.

Nos meses seguintes, outra atuação controversa da agência de segurança leva os super-humanos a discutirem os limites éticos de sua atividade. Na minissérie *Guerra Civil II*, a Rainha dos Inumanos, Medusalith Amaquelin, apresenta um membro do seu povo cujos poderes recém-desenvolvidos lhe permitem antecipar alguns fatos futuros, possibilitando que atitudes sejam tomadas para impedir que os mesmos aconteçam. Muitos heróis recebem a notícia como milagre, uma forma de

---

<sup>118</sup> PEDROSA, Leyberson; MATSUKI, Edgard. *Entenda o caso Snowden; Petrobras também é alvo de espionagem*. EBC, 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/08/web-vigiada-entenda-as-denuncias-de-edward-snowden>>. Acesso em: 30 set. 2018.

<sup>119</sup> SPENCER, Nick (roteirista); SAIZ, Jesús (ilustrador). **Vingadores: o Impasse – Ataque à Pleasant Hill**. Nova Iorque: Marvel, maio, 2016. Pág. 17.

<sup>120</sup> SPENCER, Nick (roteirista); BAGÇEY, Mark (ilustrador). **Vingadores: o Impasse – Bem Vindo a Pleasant Hill**. Nova Iorque: Marvel, abril, 2016.

prevenir catástrofes e salvar vidas. Por outro lado, muitos ponderam que essa postura proativa seria desastrosa, uma vez que toma como verdade previsões que podem não se confirmar futuramente. Segundo esse pensamento, resultaria em indivíduos sendo punidos por crimes que ainda não cometeram – e que talvez nunca viessem a cometer.

O personagem Homem de Ferro é novamente um dos protagonistas do debate ideológico. Para o herói, esse método de justiça preventiva não é nada além de atribuir lógica matemática aos fatos, assumir probabilidades como fatos concretos e ignorar por completo o livre arbítrio dos envolvidos:

Ele não está vendo o futuro. Porque ele não existe. Ele está criando um algoritmo de um futuro possível. Sim! Talvez um futuro muito possível. Mas, e precisam me escutar, é apenas um algoritmo. Matemática. É adivinhação. [...] Ninguém envolvido nessas visões sequer teve uma escolha. Estou dizendo que o livre arbítrio está sendo eliminado do processo de escolha. Estou dizendo que se permitir que o poder desse garoto tenha a palavra final... Ninguém em suas visões será responsável por si mesmo. E sem responsabilidade pessoal, o que somos? E se estamos oficialmente no mundo de algoritmos e probabilidades... Quais são as chances dessas visões serem reais, puras e verdadeiras?<sup>121</sup>

Por sua vez, a Capitã Marvel – líder da Tropa Alfa, grupo militar que toma para si a tarefa de proteger o planeta Terra contra novas ameaças alienígenas – considera que esse é um preço pequeno a ser pago em nome da segurança mundial. Em parceria com a S.H.I.E.L.D., e contando com o apoio de outros heróis, passa a trabalhar diretamente com o vidente e os Inumanos, recebendo as suas premonições e impedindo que se realizem. Em geral, o futuro projetado se mostra verdadeiro na maioria dos casos. Entretanto, pelos menos dois super-heróis acabam mortos em decorrência das atividades dessa justiça preventiva, além de diversos indivíduos sendo detidos sem que ajam provas concretas de sua participação em qualquer crime ou mesmo no seu planejamento.

A divergência resulta em novo confronto aberto entre super-heróis, sendo classificada como uma segunda “Guerra Civil”, embora a escala seja muito menor que a anterior em todos os aspectos – resume-se a apenas duas batalhas, além de não causar uma divisão profunda, nem consequências posteriores. Ao contrário do

---

<sup>121</sup> BENDIS, Brian Michael (roteirista); MARQUES, David (ilustrador). **Guerra Civil II**. Nova Iorque: Marvel, nº 4, setembro, 2016. Pág. 16-18.

primeiro evento, desta vez o conflito possui pouca ligação com a atuação do Estado ou com questões jurídicas, tendo um caráter explicitamente fundamentado na discussão ética sobre os limites da atividade dos vigilantes mascarados. Pode-se afirmar que se trata de um debate muito mais sóbrio – ou menos histérico –, pois, apesar de incluir as tradicionais e destrutivas batalhas entre heróis, procura lidar de forma filosófica com o medo constante que ainda aflige grande parte da sociedade estadunidense.

É interessante salientar que Steve Rogers e seu sucessor Sam Wilson se posicionam contra a chamada justiça preventiva no momento em que a cisão se torna evidente. Seguindo a lógica das histórias anteriores, isso talvez indique que essa metodologia contrarie o “jeito americano” na opinião dos autores. Porém desta vez a narrativa não se centra nos heróis patriotas, logo uma conclusão assim seria meramente especulativa.

O conflito ideológico termina sem uma resolução, uma vez que o vidente inumano desaparece completamente, tornando irrelevante qualquer novo debate sobre o assunto. Entretanto, a última batalha entre Capitã Marvel e Homem de Ferro resulta no coma do vigilante. Após o ocorrido, o mutante Fera, integrante dos X-Men, pondera com a heroína militar sobre as motivações do seu oponente caído:

Você abriu uma porta perigosa, Carol. E lá no fundo... talvez bem lá no fundo mesmo... Ele sabia, e eu sabia, que dava pra confiar em você. Traçando perfis de pessoas... do futuro... você salvou milhões de vidas assim. Mas foi quem veio depois de você que o preocupou. Ele sabia que assim que tivesse traçado perfis... E era isso que era a norma... Quanto tempo até ser usado por alguém menos nobre? Contra, digamos, mutantes ou inumanos, ou qualquer um visto como “indigno” ou “digno” de ter seu perfil traçado?<sup>122</sup>

Fica claro na fala do personagem que alguns heróis aprenderam a lição de *Guerra Civil* e *Reinado Sombrio* sobre como medidas totalitárias, mesmo quando fundamentadas em boas intenções, podem rapidamente ser distorcidas resultando em catástrofe. A versão ficcional da sociedade estadunidense parece estar repetindo o processo de sacrificar a liberdade em nome da segurança e apenas algumas poucas vozes se posicionam contra isso.

---

<sup>122</sup> Id. **Guerra Civil II**. Nova Iorque: Marvel, nº 8, fevereiro, 2017. Pág. 33.

#### 4.4 HAIL HYDRA! O AVANÇO DO FASCISMO

O fascismo, que vinha se desenhando no Mundo Marvel desde o início do período de Sam Wilson como Capitão América, em 2015, durante seu conflito com supremacistas brancos e ativistas xenofóbicos, atinge sua plenitude em 2017, com a publicação da minissérie *Império Secreto*. Após iniciativas eticamente condenáveis como a S.H.I.E.L.D. realizando lavagem cerebral em criminosos detidos pelo sistema carcerário e heróis perseguindo indivíduos por crimes que poderiam possivelmente cometer no futuro, essa narrativa centra-se nas ações do personagem que sempre foi identificado como símbolo de ética e moralidade entre os super-humanos: o Comandante Steve Rogers.

A construção desse contexto se inicia durante os eventos narrados em *Vingadores: o Impasse*, quando alguns dos muitos criminosos cujas memórias foram alteradas pelo Cubo Cósmico conseguem recuperar suas identidades e iniciam uma rebelião na cidade-presídio. Um deles assume o controle sobre o artefato e o utiliza para afetar Rogers, reescrevendo suas lembranças do passado. O herói passa a acreditar que durante toda a sua carreira como Capitão América, iniciada ainda na Segunda Guerra Mundial, foi na verdade um agente da organização nazista Hydra infiltrado nas forças inimigas. Segundo suas memórias modificadas, após a derrota do regime de Hitler, ele teria permanecido em seu disfarce, como agente dormente, aguardando o momento ideal para liderar um ataque surpresa fulminante contra as “raças inferiores”.<sup>123</sup>

A narrativa descreve o personagem tendo uma infância pobre na década de 30, com um pai alcoólatra e violento, uma mãe assalariada na indústria têxtil, onde recebe um pagamento miserável, e o próprio menino tendo uma saúde frágil. Até que sua mãe é abordada por uma mulher aparentemente de classe média que os convida a participar das reuniões de um pequeno grupo de mulheres que trabalham para o bem da comunidade. Sem saber do que se trata, Sarah e seu filho Steve passam a frequentar encontros de uma célula da, até então desconhecida, Hydra. Uma associação aparentemente inofensiva e bem intencionada, onde se conversa sobre atualidades, a educação das crianças, realiza ações beneficentes no

---

<sup>123</sup> SPENCER, Nick (roteirista); SAIZ, Jesús (ilustrador). **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, agosto, 2016.

bairro e algumas pequenas obras de melhoria nas ruas, como construção de playgrounds ou pintura de muros.

Após agredir constantemente a esposa e o filho, Joseph Rogers, o pai de Steve, acaba despertando a ira da líder da organização, sendo espancado e morto pelos seus capangas quando chegava bêbado em casa. Sarah descobre que o marido foi assassinado e tenta fugir, mas acaba morta também. O menino de seis anos é levado para a Alemanha, supostamente para estudar, acreditando que seus pais lhe aguardam nos Estados Unidos. Lá foi treinado junto com outras crianças até a idade adulta para se tornar um soldado da Hidra, sendo exposto aos discursos fortemente carregados de ideologia nazi-fascista:

O país de onde você veio, eles te doutrina quando são bem jovens. Bobeiras sobre individualismo. Criam palavras floridas como “liberdade” e “independência”. Mas o que realmente significa é isolamento. O homem se torna à toa e sozinho. Que então leva ao medo, e então à ganância e à violência em resposta ao medo. Antes que você perceba, o sistema inteiro está corrompido. Então, eu nem preciso te contar, você viu isso tudo por conta própria ainda garoto. A miséria e a doença naquelas favelas. Como eles mantêm as massas em fila vendendo a eles sonhos impossíveis de uma vida melhor. Homens que não têm nada, arrebatando as costas pra construir torres reluzentes pra homens que têm tudo, e acreditam que isso é certo e justo. [...] Eu acredito que existe um caminho melhor, Steven. Acredito que somos mais fortes apenas quando agimos juntos, como um. Por uma causa bem maior que nós. Esse é o destino da humanidade. Não ficarmos presos às burocracias que existem pra manter a ordem corrupta, mas sim guiados pelos mais fortes e mais preparados entre nós. Aqueles que desejam nos livrar dos parasitas que nos diminuem, e são capazes de atacar aqueles que nos fariam mal.<sup>124</sup>

Os instrutores da Hidra utilizam de forte teor emocional em seu discurso, focam nas angústias e sofrimentos pessoais para atrair seus recrutas. Apresentam a sociedade ocidental como fraca e corrupta, destacam seus problemas sociais e econômicos, indicam a existência de uma suposta degeneração moral e mostram o Estado democrático como incapaz de solucionar essas questões. Depois apresentam a própria organização como a única que possui competência para resolver esses problemas, adotando métodos simples e abertamente violentos, com a união dos “homens de bem” contra a ameaça representada por todos que não fazem parte do grupo. Sua fala prega sempre a unidade, a necessidade de todos se

<sup>124</sup> Id. **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 6, dezembro, 2016. Pág. 17-18.

juntarem sob uma mesma bandeira, seguindo de forma praticamente cega um grande líder, que supostamente sabe o melhor caminho para todos. Fascismo, claro e simples. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, a Hidra lutou ao lado da Alemanha e o jovem Steve Rogers, que fora alimentado por anos com essa ideologia, foi enviado para se infiltrar no exército aliado, onde acabaria se tornando o Capitão América.<sup>125</sup>

A narrativa volta-se, então, para a atualidade e apresenta o caminho de Steve dentro da atualmente fragmentada hierarquia da organização e seu trabalho para reestruturá-la e devolver sua antiga glória. No processo, ele assassina o antigo líder, o clássico vilão Caveira Vermelha e toma o comando em suas próprias mãos.<sup>126</sup> Simultaneamente, ele mantém seu disfarce na comunidade heroica estadunidense, onde é o maior ícone.

A simbologia dessa história é bastante óbvia. O maior herói dos Estados Unidos, símbolo máximo dos ideais de seu povo é magicamente convertido em um fiel apoiador de uma ideologia fascista. É como se o próprio espírito nacional tivesse sido corrompido, abandonando a defesa da liberdade e da igualdade que, ao menos em teoria, fundamentam o código de ética e moralidade da nação. Parece ser uma referência clara ao crescimento exponencial da intolerância e do preconceito na sociedade estadunidense no período em que a publicação foi lançada, entre 2016 e 2017. Pensamentos que ecoaram fortemente durante a campanha eleitoral de Donald Trump, quando encontraram respaldo em grande parcela da população, resultando em sua presidência. Se o governo de Barack Obama foi representado no Mundo Marvel como um momento de abertura e diversidade, após a severidade e restrição de liberdades do período de George Bush, o início da era Trump é descrito como recheado de ódio, fanatismo e violência. Isso é apresentado de forma muito clara e sem sutileza na minissérie *Império Secreto*.

Nos meses que antecedem o lançamento dessa história, a atual diretora da S.H.I.E.L.D., Maria Hill, é levada a julgamento após o escândalo da manipulação de memórias dos prisioneiros sob sua guarda. Com sua condenação, o Comandante Steve Rogers é indicado mais uma vez para o cargo, tornando-se, ao mesmo tempo, o líder máximo da S.H.I.E.L.D. e da Hidra. Ao final de *Guerra Civil II*, o personagem Homem de Ferro está em estado de coma e Steve aproveita a situação para, pela

<sup>125</sup> Id. **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 10, março, 2017.

<sup>126</sup> Id. **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 15, junho, 2017.

primeira vez, lhe falar livremente sobre suas motivações em um discurso recheado de ódio contra os diferentes:

As pessoas estão com medo, sim, todos continuam dizendo isso... E tem sido verdade há muito tempo. Mas agora, agora elas estão com raiva. Elas tinham medo quando um dos colegas de seus filhos, de repente, desenvolve a habilidade de incinerar alguém ao redor com um olhar [referência aos mutantes]. Mas elas ficaram com raiva quando você os chamou de fanáticos histéricos ao ver isso como uma ameaça à segurança deles. Eles sentiam medo quando um vizinho que conheciam e confiavam revelava que acima de seu país e comunidade, eles agora pertenciam a uma raça alienígena... Uma raça com um histórico de violência brutal contra a humanidade [referindo-se aos inumanos]. Mas eles ficaram com raiva quando você os chamou de intolerantes por não quererem dormir próximo disso. [...] Elas poderiam ter dito a você se alguma vez você se incomodasse em perguntar. Se não tivesse fingido que elas não existiam. E é isso que as deixa mais irritadas, eu imagino. Vendo você voar cada vez mais, enquanto elas se sentem afundando cada vez mais. Você construiu torres glamorosas cheias de novas tecnologias, abriu portas para o novo mundo... E então você deixou elas pra trás para chafurdar na lama.<sup>127</sup>

Rogers usa um argumento recorrente no discurso fascista: o medo. Ele descreve um povo intimidado por ameaças à sua segurança, personificados pelos mutantes (as minorias) e inumanos (os estrangeiros), que busca proteção daqueles que estão no controle da sociedade, seja na forma do Estado ou na forma dos heróis super-humanos. Quando essa proteção lhes é negada – e, pior do que isso, eles são classificados como intolerantes – o medo se transforma em raiva, com muitos passando a odiar seus antigos guardiões. Buscam, então, um novo salvador. É o terreno fértil para a ascensão do fascismo. Durante seu discurso de posse como diretor, Steve adota o mesmo teor sobre medo:

Eu entendo o medo que vocês sentem. Vocês estão olhando ao redor um mundo que vocês não reconhecem mais. Já passei por isso. Quando eles me tiraram do gelo, eu acordei para tantas mudanças... algumas incríveis. Novas tecnologias que tornaram nossas vidas mais fáceis. Avanços nos direitos humanos e anseio crescente pela paz. Mas outras eram aterrorizantes. Armas do apocalipse. Pessoas nascendo com habilidades estranhas que não podiam controlar. [...] Essa nova Hidra e seus ataques terroristas fizeram com que os americanos tivessem medo de se reunir em público e desconfiar de seus próprios vizinhos... Enquanto

<sup>127</sup> SPENCER, Nick (roteirista); REIS, Rod et al. (ilustradores). **Guerra Civil II: o Juramento**. Nova Iorque: Marvel, março, 2017. Pág. 24-25.

espalhavam uma mensagem de ódio aos mais vulneráveis entre nós. Monstros desconhecidos de além das estrelas nos enchem com um sentimento de pavor sinistro, nos fazendo questionar nosso lugar no universo.<sup>128</sup>

Na mesma fala, ele apresenta os heróis como os grandes culpados pela conjuntura e convoca o povo à união, construindo no imaginário popular a imagem de si mesmo como aquele que irá protegê-los se todos depositarem sua confiança em seu trabalho e se comprometerem a apoiá-lo:

Diante de tudo isso, vocês se viraram pra nós... E é aqui que é hora de alguém ser honesto com vocês... Deixamos vocês caírem. Quando vocês mais precisavam de nós, nós nos deixamos distrair por nossas próprias brigas mesquinhas e sede de poder. Se foi por negligência ou corrupção, nós falhamos com vocês, e nós deixamos esses perigos chegarem muito perto de nossa porta... Mas eu estou aqui para prometer a vocês agora, isso nunca vai acontecer de novo. [...] Vamos proteger esse país e esse mundo de todos aqueles que querem nos fazer mal. As pessoas vão se sentir seguras de novo. [...] Esse é meu chamado para todos vocês: juntos. Junto sob uma única bandeira... dos Vingadores à S.H.I.E.L.D., dos Estados Unidos a nossos aliados no Conselho Mundial de Segurança e às Nações Unidas. E cada homem, mulher e criança que acredita no bem nesta Terra.<sup>129</sup>

Com sua imagem de grande herói nacional consolidada após muitos anos de atuação como vigilante, Rogers recebe facilmente apoio popular e político no cargo de diretor da agência internacional de segurança. Com base nessa confiança quase incondicional, o Senado dos EUA aprova a criação de uma lei apelidada como “Ato da S.H.I.E.L.D.”, por meio da qual se instaura a possibilidade de, em caso de emergência extrema de segurança nacional, o controle de todo o poder militar do país ser centralizado nas mãos do diretor da agência. Além disso, ficaria também responsável pela segurança de presidente, senadores e demais membros do alto escalão do Governo. Na prática, colocaria os Estados Unidos sob lei marcial por tempo indeterminado. O argumento para a aprovação do projeto é que unificar todos os recursos militares em uma emergência de larga escala seria crucial para uma resposta eficaz ao problema hipotético. Obviamente muitos parlamentares e líderes políticos expressaram preocupação com a possibilidade de entregar todo poder a um único homem, especialmente sendo comandante de uma agência internacional.

---

<sup>128</sup> Ibid. Pág. 13.

<sup>129</sup> Ibid. Pág. 14-15.

Mas, no fim das contas, ninguém seria capaz de desconfiar do ético e exemplar Steve Rogers.<sup>130</sup>

Repetindo estratégia utilizada por muitos ditadores ao longo da história mundial, o personagem fabrica uma crise em larga escala para justificar a imposição da lei marcial. Primeiro, envia alguns dos super-humanos mais poderosos do planeta para o espaço visando combater uma suposta invasão alienígena. Depois, soldados da Hydra que estavam agindo há meses como insurgentes contra um regime autoritário da Sokovia – um fictício país no leste europeu que fora integrante da URSS – invadem bases militares locais, tomando posse de ogivas nucleares e ameaçando dispará-las contra grandes cidades ocidentais, incluindo Washington. Por fim, um grande grupo de super-vilões que estavam detidos na cidade-prisão da S.H.I.E.L.D., onde suas memórias foram alteradas, e fugiram de lá quando o local foi destruído meses antes, agora se reúnem em Nova Iorque atacando civis de forma aleatória, afirmando buscar vingança pela lavagem cerebral que sofreram. Com essas questões simultâneas, a Casa Branca convoca o Comandante Rogers para assumir o controle em caráter emergencial.<sup>131</sup>

Com todo o poderio militar combinado de Estados Unidos, S.H.I.E.L.D. e Hydra sob seu controle, o ex-Capitão América efetiva seu golpe de Estado, detendo todas as autoridades nacionais sob o pretexto de garantir sua proteção. Os poucos super-humanos que ainda estavam disponíveis para lutar tentam confrontá-lo, mas são subjugados e forçados a recuar. O novo governante realiza um pronunciamento para os cidadãos afirmando que agora o país está sob a proteção da Hydra e que, ao contrário do que todos pensam, a organização trabalha apenas pelo bem de todos.

O que se segue é um regime tipicamente fascista, com a iconografia da Hydra exposta em locais públicos, forte apelo nacionalista, sociedade militarizada com soldados nas ruas e glorificação da atuação dos mesmos. A figura de Steve Rogers – que passa a vestir farda em suas aparições públicas – é alçada ao patamar de grande líder de forma quase messiânica, atraindo apoio de grande parte da população. Nas escolas, livros de história são substituídos por novas versões que colocam a Hydra como uma injustiçada, cuja ideologia foi distorcida por seus inimigos para que parecesse maligna. Os livros antigos foram, evidentemente,

---

<sup>130</sup> SPENCER, Nick (roteirista); SAIZ, Jesús (ilustrador). **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 10, março, 2017.

<sup>131</sup> SPENCER, Nick (roteirista); ACUÑA, Daniel; REIS, Rod (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 0, junho, 2017.

considerados ilegais e destruídos. Da mesma forma, qualquer professor que persistir negando essa versão revisionista da história é considerado criminoso e os alunos e pais são incentivados a denunciá-los.<sup>132</sup>

Também na economia medidas intervencionistas provocam a queda no desemprego – incluindo a abertura de fábricas para produção de veículos e artigos militares –, alta na bolsa de valores e acordos comerciais com outras nações, assinados por meio da pressão militar. Fatores que ampliam rapidamente o apoio popular aos golpistas. Em termos de política internacional, o Comandante Rogers realiza pronunciamento agressivo e recheado de intimidação nas Nações Unidas, exigindo que todos os governos mundiais se submetam à liderança do novo regime estadunidense sob ameaça de invasão militar.<sup>133</sup>

Após essas primeiras medidas, a população em sua maioria rapidamente aceita a nova situação. Na verdade, grande parte da sociedade parece bastante confortável com o domínio da Hidra:

Não sei se você percebeu, mas ninguém tá lutando nas ruas mais. A maioria das pessoas desistiu rapidamente. Eles parecem estar perfeitamente bem olhando para o outro lado. Droga, para muitas pessoas a Hidra combina muito bem com eles. Então talvez seja isso o que somos, depois de tudo. Talvez seja o que merecemos.<sup>134</sup>

Os opositores do regime autoritário são abertamente perseguidos, sempre classificados como terroristas e/ou conspiradores. Muitos são condenados à morte por fuzilamento.<sup>135</sup> Os super-humanos que não foram capturados ou exilados durante o ataque inicial da Hidra, reúnem-se em uma base subterrânea a partir da qual tentam organizar uma resistência. A cidade de Las Vegas, identificada pelo governo como o principal centro de atividade desses dissidentes, é bombardeada causando milhares de mortes civis.<sup>136</sup> A mídia, no entanto, sob forte censura, é terminantemente proibida de noticiar o massacre. Uma repórter que levanta o

---

<sup>132</sup> SPENCER, Nick (roteirista); MCNIVEN, Steve; LEISTEN, Jay (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, julho, 2017.

<sup>133</sup> SPENCER, Nick; CATES, Donny (roteiristas); PINA, Javier; GUINALDO, Andres (ilustradores). **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 18, agosto, 2017.

<sup>134</sup> SPENCER, Nick (roteirista); SORRENTINO, Andrea; REIS, Rod (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, agosto, 2017. Pág. 15.

<sup>135</sup> SPENCER, Nick (roteirista); MCNIVEN, Steve; LEISTEN, Jay (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, julho, 2017.

<sup>136</sup> SPENCER, Nick (roteirista); SORRENTINO, Andrea; REIS, Rod (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 2, julho, 2017.

assunto durante uma entrevista ao vivo acaba na cadeia.<sup>137</sup> De fato, além de serem impedidos de divulgar fatos que desagradem o governo, os veículos de imprensa são usados para defender sua ideologia e a glorificar a figura do ditador.<sup>138</sup>

Além da perseguição política, as minorias também são alvo da opressão do regime totalitário. Seguindo o padrão de simbolismos adotado pela Marvel desde os anos 60, esses grupos são representados pelos mutantes, que, durante *Império Secreto*, são abertamente hostilizados por grande parte da população. Uma grande parcela dos mutantes migra rapidamente para o litoral da Califórnia, onde os X-Men estabelecem uma espécie de Estado independente supostamente livre do domínio da Hidra.<sup>139</sup> Com seus poderes sobre-humanos, o grupo de heróis consegue repelir sucessivas tentativas de invasão do seu território. Embora afirme publicamente não reconhecer a autonomia da região, o ditador considera o isolamento mutante uma solução adequada para a questão racial e por isso não faz qualquer esforço real para derrota-los.

Os inumanos, por sua vez, não têm a mesma sorte. O grupo é utilizado sempre como referência aos estrangeiros e imigrantes, pois, diferente dos mutantes, grande parte deles integra uma cultura própria cujas tradições e preceitos religiosos centram-se na monarquia do extinto reino asiático de Attilan. Com a destruição de sua capital, fato ocorrido ainda nos anos 2000, a família real migrou para os Estados Unidos, sendo acompanhada por parte da população. Além disso, essa minoria fictícia possui genes alienígenas, o que coroa seu simbolismo como “ameaça estrangeira”. Durante essa minissérie, os inumanos são colocados em reservas com o suposto objetivo de protegê-los contra hostilidades.<sup>140</sup> Na prática, esses locais não diferem de campos de concentração.

É evidente que, sendo um regime indiscutivelmente opressor, o domínio da Hidra é derrubado pelos heróis ao final da minissérie, diferente da sociedade autoritária construída em *Guerra Civil*. Na série publicada em 2006, as linhas de certo e errado não estavam suficientemente claras, levando alguns anos até que o

<sup>137</sup> SPENCER, Nick (roteirista); GUINALDO, Andres; BACHS, Ramon (ilustradores). **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, nº 17, julho, 2017.

<sup>138</sup> ALLOR, Paul; WHITLEY, Jeremy; KOCHER, Nick (roteiristas); LEVEL, Brian; OLORTEGUI, Diego; FORD, Tana (ilustradores). **Império Secreto: Admirável Mundo Novo**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, agosto, 2017.

<sup>139</sup> ZUB, Jim (roteirista); ANINDITO, Ario (ilustrador). **Império Secreto: Unidos**. Nova Iorque: Marvel, agosto, 2017.

<sup>140</sup> ROSENBERG, Matthew (roteirista); GARRÓN, Javier (ilustrador). **Guerreiros Secretos**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 2, julho, 2017.

caminho apontado pela Iniciativa dos Cinquenta Estados se mostrasse um equívoco. Em *Império Secreto*, o regime fascista é descrito de forma bastante maniqueísta, estabelecendo desde o início que ele é prejudicial para o mundo. Essa história encontra sua conclusão quando, tendo descoberto o que causou a transformação de Steve Rogers, alguns super-humanos conseguem se apossar do Cubo Cósmico e restaurar as memórias do herói icônico.

Na verdade, a simbologia é construída de forma quase teatral, com as duas personalidades do ex-soldado literalmente lutando entre si pelo controle.<sup>141</sup> A imagem final é do “verdadeiro” Capitão América, trajado com seu uniforme que traz as cores da bandeira estadunidense derrotando a socos sua versão distorcida, em sua indumentária de ditador com referências à iconografia fascista, incluindo o sinal de seu “partido” a Hidra. O duelo entre as contrapartes é filmado por repórteres e transmitido ao vivo para todo o país, mostrando alegoricamente a liberdade derrotar o autoritarismo.

Interessante salientar que, após o último uso do Cubo Cósmico, passam a coexistir duas versões de Rogers. Possivelmente a narrativa está indicando que os ideais totalitários e preconceituosos não podem simplesmente ser apagados da existência. Tampouco as escolhas políticas feitas por um povo, que jamais poderão ser desfeitas ou esquecidas, mantendo para sempre suas consequências com as quais é preciso lidar – no caso do Mundo Marvel, a Hidra passa a ser liderada por uma versão maligna do Capitão América, um novo e perigoso vilão que não existia antes do “espírito americano” ser contaminado pela ideologia fascista.

---

<sup>141</sup> SPENCER, Nick (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, nº 10, outubro, 2017.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A editora Marvel Comics é uma empresa declaradamente capitalista com objetivos comerciais. Suas publicações visam obter a aceitação do público e, em consequência disso, altos índices de venda. Não é intenção deste estudo identificá-la como uma fonte direta e imparcial de conhecimento histórico. Longe disso. No entanto, suas histórias em quadrinhos são, sem qualquer dúvida, um testemunho do contexto em que foram escritas, expressando o pensamento de parte considerável da sociedade estadunidense.

O estudo focou-se nos primeiros anos do século XXI, especialmente no período entre os anos de 2006 e 2010 e, de forma mais breve, entre 2015 e 2017, momentos em que o conteúdo político se mostrou mais efervescente nas páginas da Marvel. As mudanças de ideologia dominante durante os mandatos dos presidentes George Bush, Barack Obama e Donald Trump parecem refletir de forma direta os rumos das narrativas construídas pela editora, conforme a análise buscou demonstrar. A histeria nos anos posteriores aos atentados de 11 de setembro de 2001 é, com certeza, o tópico mais presente nas histórias analisadas, sendo o evento que afetou com mais profundidade os rumos do cenário ficcional, alcançando quase todas as publicações do período. A retração desse movimento também é demonstrada com alguma clareza, com o rápido desmantelamento das estruturas construídas durante o processo de militarização da sociedade fictícia.

Por fim, a conjuntura política atual dos Estados Unidos, marcada pela crescente conservadora, voltou a influenciar com força as narrativas. O surgimento de grupos totalitários e fascistas como elemento central das principais histórias da editora justamente no momento em que a presidência da república é ocupada por uma liderança que recebe amplo apoio de grupos vinculados a essas ideologias não é uma coincidência muito sutil. Mais do que isso, uma roupagem declaradamente fascista se faz presente tanto na iconografia – nas bandeiras de partido, uniformes militares, saudações, etc. – quanto nos discursos dos seus personagens centrais.

Essas flutuações na conjuntura social não se expressam apenas nas temáticas politizadas das publicações da época – erosão das liberdades civis, militarização da sociedade, xenofobia, totalitarismo, etc –, mas também em termos de decisões editoriais, em especial no que se refere à questão da diversidade de

protagonismos mencionada no capítulo anterior. Apesar de todos os avanços identificados nos últimos anos, o processo não durou muito. A Marvel Comics, como já ocorrera diversas vezes ao longo dos anos, cedeu à pressão dos críticos e recolocou seus heróis clássicos – todos homens brancos – no centro das histórias atuais. Steve Rogers voltou a ser o Capitão América, substituindo Sam Wilson que retoma o codinome de Falcão. Bruce Banner recupera seus poderes de Hulk, retirando-os de seu aluno Amadeus Cho. E assim por diante. Todos os novos protagonistas citados anteriormente perdem seus status recém-adquiridos.

É claro que eles não desaparecem. Todos prosseguem suas carreiras heroicas, alguns adotando novos nomes, outros retomando seus codinomes antigos. No entanto, a maioria perde suas revistas solo, passando a integrar equipes de vigilantes. Desta forma, aliados de seus papéis centrais, voltam a ser apenas coadjuvantes dos personagens tradicionais. Todos cresceram em importância no cenário ficcional, estando mais maduros e experientes, mas para muitos leitores os seus anos de evolução parecem ter sido jogados fora.

Não é exatamente uma novidade. A Marvel, da mesma forma que fazem outras empresas do ramo como a DC Comics, já utilizou esse recurso antes. Os heróis clássicos saem temporariamente de cena, são substituídos por novatos por alguns anos, mas depois retomam seu protagonismo. O *status quo* parece nunca mudar permanentemente nos mundos de super-heróis. Talvez seja uma estratégia editorial, com mudanças planejadas para não durar, usando a ausência dos protagonistas apenas para chamar atenção, aumentando a venda de revistas. Um esquema puramente voltado para os interesses comerciais das editoras, aproveitando-se das flutuações ideológicas da sociedade, sem que haja qualquer engajamento político real.

Porém não se pode esquecer que este retrocesso no cenário ficcional ocorre de forma simultânea ao novo crescimento das ideologias conservadoras na sociedade estadunidense. A diversidade encontra cada vez mais hostilidade na opinião pública, e isso se reflete no público leitor de quadrinhos, que não se mostra muito receptivo a essas iniciativas atualmente. De fato, o consumidor tradicional dessa mídia sempre foi bastante apegado aos elementos clássicos, de forma que até mesmo mudanças menos significativas – como um novo uniforme para um personagem antigo ou uma transformação na sua vida pessoal – sempre encontram

resistência de boa parcela dos fãs. Assim, embora a editora não hesite em relacionar a onda conservadora com um grupo de fanáticos totalitários, jamais adota uma postura firme frente ao movimento, curvando-se a ele ao fim de tudo.

Como já foi dito, a atitude da empresa está pautada unicamente em seus interesses comerciais, no entanto é um testemunho da conjuntura histórica em que está inserida. Suas escolhas editoriais e principalmente as temáticas adotadas em suas principais narrativas expressam questões significativas para a sociedade da época, ainda que de forma alegórica e fabulosa. A presente monografia buscou indicar e analisar os elementos que foram julgados mais relevantes para a composição desse quadro, salientando as similaridades entre mundo histórico e mundo ficcional. Desta forma, reforça-se aqui também a tese defendida por diversos autores a respeito do potencial das histórias em quadrinhos como ferramenta de estudo histórico. Embora não sejam uma fonte óbvia, as HQ são um produto de seu tempo e carregam em si o substrato ideológico do momento em que são construídas.

## REFERÊNCIAS

### Bibliográficas e Digitais

CLARKE, Richard. **Contra todos os inimigos: por dentro da guerra dos EUA contra o terror**. São Paulo: Francis, 2004.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Globo, 2002.

GADELHA, Olinto (roteirista); CARDOSO NETO, Hemetério Rufino (ilustrador). **Chibata! - João Cândido e a revolta que abalou o Brasil**. São Paulo: Conrad, 2008.

GREENBURG, Zack O'Malley. *Como boatos ajudaram a eleger Donald Trump nos EUA*. **Forbes**, 2016. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/negocios/2016/11/como-boatos-ajudaram-a-eleger-donald-trump-nos-eua>>. Acesso em: 29 set. 2018.

HECK, Marcos. *Entenda como a Marvel dessexualizou as suas heroínas*. **Jamesons**, 2017. Disponível em: <<http://jamesons.com.br/marvel-dessexualizou-as-suas-heroínas/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

KRÜGER, Felipe Radünz. **A construção histórica na graphic novel V for Vendetta: aspectos políticos, sociais e culturais na Inglaterra (1982-1988)**. Pelotas: UFPEL, 2014.

LUKACS, John. **Uma Nova República - Histórias dos Estados Unidos no Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARS, Amanda. *Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?* **El País**, 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655\\_450950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html)>. Acesso em: 29 set. 2018.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOORE, Alan (roteirista); GIBBONS, Dave (ilustrador). **Watchmen**. Nova Iorque: DC Comics, Setembro, 1986 – Outubro, 1987.

\_\_\_\_\_ (roteirista); LLOYD, David (ilustrador). **V de Vingança**. Nova Iorque: DC Comics, Março, 1982 – Maio, 1988.

MOREIRA, Isabela. *A Microsoft criou uma robô que interage nas redes sociais - e ela virou nazista*. **Galileu**, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/03/microsoft-criou-uma-roboto-que-interage-nas-redes-sociais-e-ela-virou-nazista.html>>. Acesso em: 29 set. 2018.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PEDROSA, Leyberson; MATSUKI, Edgard. *Entenda o caso Snowden; Petrobras também é alvo de espionagem*. **EBC**, 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/08/web-vigiada-entenda-as-denuncias-de-edward-snowden>>. Acesso em: 30 set. 2018.

RODRIGUES, Vinicius da Silva. **História em quadrinhos & ensino de literatura: por um projeto de formação de leitores menos “quadrado”**. Porto Alegre: PPG-UFRGS, 2013.

SPIEGELMAN, Art. **Maus - A História de um Sobrevivente**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TORAL, André. **Adeus, Chamigo Brasileiro - Uma história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VILELA, Túlio. *Os quadrinhos na aula de História*. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

### Fontes primárias

AARON, Jason (roteirista); RIBIC, Esad (ilustrador). **Thor: Deus do Trovão**. Nova Iorque: Marvel, nº 25, novembro, 2014.

ALLOR, Paul; WHITLEY, Jeremy; KOCHER, Nick (roteiristas); LEVEL, Brian; OLORTEGUI, Diego; FORD, Tana (ilustradores). **Império Secreto: Admirável Mundo Novo**. Nova Iorque: Marvel, 2017.

BENDIS, Brian Michael (roteirista); BAGLEY, Mark (ilustrador). **Ultimate: o Fim.** Nova Iorque: Marvel, 2016.

\_\_\_\_\_ (roteirista); CHAYKIN, Howard; YU, Leinil et al (ilustradores). **Novos Vingadores.** Nova Iorque: Marvel, vol. 1, 2006-2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); COIPEL, Olivier (ilustrador). **Cerco.** Nova Iorque: Marvel, 2010.

\_\_\_\_\_ (roteirista); DELL'OTTO, Gabriele (ilustrador). **Guerra Secreta.** Nova Iorque: Marvel, abril, 2004.

\_\_\_\_\_ (roteirista); DEODATO JR., Mike (ilustrador). **Invencível Homem de Ferro.** Nova Iorque: Marvel, vol. 3, 2016.

\_\_\_\_\_ (roteirista); \_\_\_\_\_ (ilustrador). **Vingadores Sombrios.** Nova Iorque: Marvel, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); DJURDJEVIC, Marko (ilustrador). **Reinado Sombrio: a Lista – Vingadores.** Nova Iorque: Marvel, novembro, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); IMMONEN, Stuart (ilustrador). **Novos Vingadores.** Nova Iorque: Marvel, vol. 2, 2010.

\_\_\_\_\_ (roteirista); MALEEV, Alex. (ilustrador). **Guerra Civil: a Confissão.** Nova Iorque: Marvel, maio, 2007.

\_\_\_\_\_ (roteirista); \_\_\_\_\_ (ilustrador). **Invasão Secreta: Reinado Sombrio.** Nova Iorque: Marvel, fevereiro, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); MARQUES, David (ilustrador). **Guerra Civil II.** Nova Iorque: Marvel, 2016.

\_\_\_\_\_ (roteirista); PICHELLI, Sara (ilustradora). **Ultimate: Consequências.** Nova Iorque: Marvel, 2011.

\_\_\_\_\_ (roteirista); ROMITA JR., John (ilustrador). **Vingadores.** Nova Iorque: Marvel, vol. 4, 2010.

\_\_\_\_\_ (roteirista); SILVESTRI, Marc (ilustrador). **Guerra Civil: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, abril, 2007.

\_\_\_\_\_ (roteirista); SLOTT, Dan (ilustrador). **Poderosos Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, vol.1, 2007–2010.

\_\_\_\_\_ (roteirista); YU, Leinil Francis (ilustrador). **Invasão Secreta**. Nova Iorque: Marvel, 2008.

BRUBAKER, Ed (roteirista); EPTING, Steve (ilustrador). **Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, vol. 5, 2007.

\_\_\_\_\_ (roteirista); HITCH, Bryan; GUICE, Butch (ilustradores). **Capitão América: Renascido**. Nova Iorque: Marvel, 2010.

\_\_\_\_\_ (roteirista); PULIDO, Javier (ilustrador). **Marvel Ponto Um**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 2012.

BRUBAKER, Ed; FRACTION, Matt (roteiristas); LAND, Greg; DODSON, Terry (ilustradores). **Fabulosos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, vol. 1, nº 500, setembro, 2008.

CHERNISS, Matt; JOHNSON, Peter (roteiristas); BRIONES, Phill (ilustrador). **Submarino: Revolução**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, 2008.

CLAREMONT Chris (roteirista); ANDERSON, Brent (ilustrador). **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_ (roteirista); BOLTON, John (ilustrador). **Clássicos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 12, agosto, 1987.

\_\_\_\_\_ (roteirista); GREEN, Randy; LOPRESTI, Aaron (ilustradores). **Dizimação: Dinastia M – O Dia Seguinte**. Nova Iorque: Marvel, janeiro, 2006.

ELLIS, Warren; NICIEZA, Fabian (roteiristas); GRUMMETT, Tom; DEODATO, Mike (ilustradores). **Thunderbolts**. Nova Iorque: Marvel, nº 103–112, 2006–2007.

EWING, Al (roteirista); GARBETT, Lee (ilustrador). **Novíssima Marvel: Ponto Um**. Nova Iorque: Marvel, março, 2014.

FRACTION, Matt (roteirista); DEODATO, Mike; DODSON, Terry; DODSON, Rachel (ilustradores). **Vingadores Sombrios & Fabulosos X-Men: Exodus**. Nova Iorque: Marvel, novembro, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); DODSON, Terry (ilustrador). **Fabulosos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 513, setembro, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); LARROCA, Salvador (ilustrador). **Invencível Homem de Ferro**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, 2009.

\_\_\_\_\_ (roteirista); SILVESTRI, Marc (ilustrador). **Vingadores Sombrios & Fabulosos X-Men: Utopia**. Nova Iorque: Marvel, agosto, 2009.

GAGE, Christos (roteirista); MCKONE, Mike (ilustrador). **Academia de Vingadores**. Nova Iorque: Marvel, 2010.

HINE, David (roteirista); IRVING, Frazer (ilustrador). **Guerra Silenciosa**. Nova Iorque: Marvel, 2007.

\_\_\_\_\_ (roteirista); MARTINEZ, Roy Allan (ilustrador). **Filho do M**. Nova Iorque: Marvel, 2006.

\_\_\_\_\_ (roteirista); PAQUETTE, Yanick (ilustrador). **Guerra Civil: X-Men**. Nova Iorque: Marvel, 2006.

HUDLIN, Reginald (roteirista); GARCIA, Manuel; EATON, Scot (ilustradores). **Pantera Negra**. Nova Iorque: Marvel, volume 4, 2006–2007.

JENKINS, Paul (roteirista); BACHS, Ramon; LIEBER, Steve et al. (ilustradores). **Guerra Civil: Linha de Frente**. Nova Iorque: Marvel, 2006–2007.

KNAUF, Charles (roteirista); DE LA TORRE, Roberto (ilustrador). **Homem de Ferro: Diretor da SHIELD**. Nova Iorque: Marvel, 2007.

KYLE, Craig; YOST, Chris (roteiristas); PELLETIER, Paul; BROOKS, Mark (ilustradores). **Novos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 23, abril, 2006.

MCKEEVER, Sean (roteirista); NORTON, Mike (ilustrador). **Próprio Medo: Juventude Revoltada**. Nova Iorque: Marvel, 2011.

MILLAR, Mark (roteirista); MCNIVEN, Steve (ilustrador). **Guerra Civil**. Nova Iorque: Marvel, 2006.

MORRISON, Grant (roteirista); VAN SCIVER, Ethan (ilustrador). **Novos X-Men**. Nova Iorque: Marvel, nº 133, dezembro, 2002.

NICIEZA, Fabian (roteirista); CAPULLO, Greg (ilustrador). **X-Force**. Nova Iorque: Marvel, nº 18, janeiro, 1993.

OEMING, Michael Avon (roteirista); KOLINS, Scott (ilustrador). **Tropa Ômega**. Nova Iorque: Marvel, , 2007.

PAK, Greg (roteirista); CHO, Frank (ilustrador). **Totalmente Incrível Hulk**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, fevereiro, 2016.

REED, Brian (roteirista); SAMNEE, Chris; WILSON, Matthew (ilustradores). **Cerco: Embutidos**. Nova Iorque: Marvel, 2010.

REMEMDER, Rick (roteirista); IMMONEN, Stuart (ilustrador). **Novíssimo Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, 2015.

\_\_\_\_\_ (roteirista); PACHECO, Carlos (ilustrador). **Capitão América**. Nova Iorque: Marvel, vol. 7, dezembro, 2014.

ROSENBERG, Matthew (roteirista); GARRÓN, Javier (ilustrador). **Guerreiros Secretos**. Nova Iorque: Marvel, vol. 2, nº 2, julho, 2017.

SLOTT, Dan (roteirista); CASELLI, Stefano (ilustrador). **Vingadores: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, 2007.

SMITH, Felipe (roteirista); MOORE, Tradd (ilustrador). **Novíssimo Motoqueiro Fantasma**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, maio, 2014.

SLOTT, Dan (roteirista); CASELLI, Stefano (ilustrador); **Vingadores: a Iniciativa**. Nova Iorque: Marvel, 2007–2010.

SPENCER, Nick (roteirista); ACUÑA, Daniel; REIS, Rod; SORRENTINO, Andrea et al (ilustradores). **Império Secreto**. Nova Iorque: Marvel, 2017.

\_\_\_\_\_ (roteirista); ACUÑA, Daniel; UNZUETA, Angel et al (ilustradores). **Capitão América: Sam Wilson**. Nova Iorque: Marvel, 2015–2017.

\_\_\_\_\_ (roteirista); BAGÇEY, Mark (ilustrador). **Vingadores: o Impasse – Bem Vindo a Pleasant Hill**. Nova Iorque: Marvel, abril, 2016.

\_\_\_\_\_ (roteirista); REIS, Rod et al. (ilustradores). **Guerra Civil II: o Juramento**. Nova Iorque: Marvel, março, 2017.

\_\_\_\_\_ (roteirista); SAIZ, Jesús (ilustrador). **Vingadores: o Impasse – Ataque à Pleasant Hill**. Nova Iorque: Marvel, maio, 2016.

SPENCER, Nick; CATES, Donny (roteiristas); PINA, Javier; SAIZ, Jesús et al (ilustradores). **Capitão América: Steve Rogers**. Nova Iorque: Marvel, 2016–2017.

STRACZYNSKI, J. Michael (roteirista); GARNEY, Ron (ilustrador). **Espetacular Homem-Aranha**. Nova Iorque: Marvel, nº 529-543, 2006–2007.

TAYLOR, Tom (roteirista); ASRAR, Mahmud (ilustrador). **X-Men: Vermelho**. Nova Iorque: Marvel, nº 3, junho, 2018.

\_\_\_\_\_ (roteirista); LOPEZ, David; NAVARROT, David (ilustradores). **Novíssima Wolverine**. Nova Iorque: Marvel, nº 1, janeiro, 2016.

TIERI, Frank (roteirista); JOHNSON, Staz (ilustrador). **Guerra Civil: Crimes de Guerra**. Nova Iorque: Marvel, fevereiro, 2007.

WILLIAMS, Rob (roteirista); CLARK, Matthew (ilustrador). **Motoqueiro Fantasma**. Nova Iorque: Marvel, vol. 7, nº 1, setembro, 2011.

WILSON, Gwendolyn Willow (roteirista); MIYAZAWA, Takeshi (ilustrador). **Ms. Marvel**. Nova Iorque: Marvel, vol. 4, 2016–2017.

ZUB, Jim (roteirista); ANINDITO, Ario (ilustrador). **Império Secreto: Unidos**. Nova Iorque: Marvel, agosto, 2017.

## ANEXO 1

Muitas personagens femininas da Marvel tiveram seus uniformes dessexualizados.



Na parte superior (da esquerda para direita): Miss Marvel/Capitã Marvel, Viúva Negra, Feiticeira Escarlata, Mulher-Aranha. Na parte inferior: Mulher-Hulk, Gamora, X-23/Wolverine, Elektra.  
(Fonte: <http://jamesons.com.br/marvel-dessexualizou-as-suas-heroínas>)